



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**Movimentos Surdos e Educação:
Negociação da Cultura Surda.**

Dissertação

Carilissa Dall'Alba

**Santa Maria, RS, Brasil
2013**

Ficha catalográfica elaborada através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Central da UFSM, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Dall'Alba, Carilissa
Movimentos Surdos e Educação: Negociação da Cultura Surda / Carilissa Dall'Alba.-2013.
94 f.; 30cm

Orientadora: Márcia Lunardi-Lazzarin
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, RS, 2013

1. Estudos Surdos 2. Movimento Surdo 3. Educação de Surdos I. Lunardi-Lazzarin, Márcia II. Título.

**Movimentos Surdos e Educação:
Negociação da Cultura Surda.**

Por

Carilissa Dall'Alba

Dissertação apresentado ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação, área de concentração em Educação, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS).

Orientadora: Prof^a. Dra. Márcia Lise Lunardi-Lazzarin

Santa Maria, RS, Brasil
2013

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
LINHA DE PESQUISA: EDUCAÇÃO ESPECIAL**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada,
aprova a Dissertação

**“Movimentos Surdos e Educação:
Negociação da Cultura Surda.”**

Elaborada por

Carilissa Dall’Alba

Como requisito parcial para a obtenção do grau de
Mestre em Educação

Comissão Examinadora:

Márcia Lise Lunardi-Lazzarin, Dr^a.(UFSM)
(Presidente/Orientadora)

Madalena Klein, Dr^a. (UFPel)

Maria Inês Naujorks, Dr^a. (UFSM)

Santa Maria, 05 de abril de 2013.

*À todos da Comunidade Surda que fizeram,
fazem e farão parte da minha vida*

Agradecimentos

Gostaria de agradecer inicialmente à professora Dra. Márcia Lise Lunardi-Lazzarin a qual considero uma excelente professora e orientadora e, sempre auxiliando de uma forma bastante criativa nas incontáveis dúvidas que surgiram durante a realização deste trabalho. Pela confiança e pela amizade também.

A Deus, sinto que Ele está comigo sempre e mesmo não sabendo Sua forma física, foi uma grande força espiritual na minha vida.

À minha mãe Lourdes e ao meu pai Jorge que sempre me incentivaram a alcançar caminhos cada vez mais distantes, eles foram os melhores pais que pude ter e tenho. Antes de concluir o Letras/Libras, eu não ficava muito atenta as datas das inscrições de seleção do mestrado, e era minha mãe que me perguntava todas as semanas, me fazia ‘acordar’ e correr. Às minhas irmãs Carina e Carisa que sempre me compreenderam e pelo companheirismo. À minha linda Avó Santina pelo carinho. Aos demais familiares, padrinhos, tios e primos. Sem o amor, carinho e todo o apoio que sempre me deram ao longo do tempo, possivelmente eu não estaria aqui.

À minha amada filha Sofia, uma menina muito encantadora e as suas mãozinhas sinalizando “A mamãe vai para aula e volta com um bombom tá mamãe?” “Me dá um livro para eu ler nem tu mamãe” “Quero digitar no seu computador, mamãe”, pela compreensão das minhas ausências! Obrigada por tornar os meus dias melhores, inúmeras vezes eu chegava em casa exausta, mas a recompensa era você, minha filha!

À minha amada sobrinha Maria Eduarda, basta te olhar para seus belíssimos olhos negros e brilhantes sem iguais, me dá uma pura alegria de viver.

Por estas razões tenho orgulho deles! O Amor da família pelo estímulo que me deram para a realização deste curso, tornando assim, a vida mais gostosa de viver.

Agradeço imensamente a Gabriele Neves Vieira, minha amiga que sempre se mostrou disposta a me auxiliar quando tive dúvidas. Salvastes-me do desespero para me ajudar a fazer o projeto para a seleção que faltava apenas uma semana e foi uma honra ter-la como revisadora da minha dissertação. Meu eterno agradecimento!

Às intérpretes de Libras e colegas, Carine, Cláudia, Gabriele, Ravele, Maitê, Anie, Mayara, Mônica, Juliana e Daiane, pelas mediações importantes que fizeram para mim em todo mestrado e fizeram papéis importantes nesses meus dois anos de mestrado. Trabalho coletivo sempre torna as trocas de experiências mais enriquecidas. Aos professores do Programa Pós-Graduação de Educação pelos incentivos na minha trajetória.

Às professoras convidadas da banca pelas sugestões para uma pesquisa mais avançada e novos conhecimentos.

Aos meus amigos e todos familiares, por tudo, pela compreensão das minhas ausências, pelas torcidas, pelos estímulos.

Aos autores de vários livros que li para constituir a pesquisa, as leituras me inspiraram bastante.

Às líderes surdas que cederem as entrevistas pontualmente.

Finalmente, gostaria de agradecer à UFSM pelo ensino de qualidade.

Todos vocês merecem o meu eterno agradecimento.

“Tenho o desejo de realizar uma tarefa importante na vida. Mas primeiro dever está em realizar humildes coisas como se fossem grandes e nobres”.

Helen Keller

RESUMO

Dissertação de Mestrado
Programa de Pós-graduação em Educação
Universidade Federal de Santa Maria

Movimentos Surdos e Educação: Negociação da Cultura Surda.

AUTORA: CARILISSA DALL´ALBA
ORIENTADORA: Prof.^a Dr.^a MÁRCIA LISE LUNARDI-LAZZARIN

Data e Local da Apresentação: Santa Maria, RS, 05 de abril de 2013.

O presente trabalho tem como problematização central entender como os movimentos surdos enquanto espaço de lutas e resistências surdas vêm se resignificando para a construção de uma política de educação para surdos pautada nas articulações entre língua de sinais e cultura surda. Para dar conta desse investimento de pesquisa alguns objetivos nortearam o referido estudo: entender a emergência dos movimentos surdos no cenário da educação de surdos; identificar as diferentes estratégias de luta organizadas pelo movimento surdo a fim de compreender seus efeitos para a educação de surdos na contemporaneidade. Para isso filiou-se ao campo dos Estudos Culturais em Educação, com atravessamentos do campo dos Estudos Surdos que entendem a surdez e a educação de surdos a partir de um contexto cultural e linguístico específico. O corpus empírico do estudo está dividido em dois grupos de materiais: narrativas de líderes surdos e um conjunto de documentos que considero com as condições de possibilidades para a emergência de um discurso que vem produzindo o movimento surdo a partir de outros arranjos, de outras experiências. Esses conjuntos de documentos são: Documento “Educação que nós Surdos Queremos” de 1999 Projeto de Curso Letras/LIBRAS, Lei 10.436/ Decerto 5.626 e Movimento Escola Bilíngüe para Surdos. Com as narrativas dos líderes surdos, coletados por meio de entrevistas, pude localizar o movimento surdo em dois momentos, ou seja, em dois focos de potência analítica. O primeiro momento centrado na emergência da luta pela oficialização da língua de sinais, na constituição de identidades surdas e o segundo nas estratégias de negociação da cultura surda no campo da educação. Pode-se verificar nas emergências e nas possibilidades da história do movimento surdo uma organização política articulada com a educação de surdos e com negociação da cultura surda no cenário contemporâneo.

Palavras chave: Movimento Surdo, Educação de Surdos, Estudos Culturais, Cultura Surda.

ABSTRACT

Master's Degree
Postgraduate Program in Education
Federal University of Santa Maria

MOVEMENTS AND DEAF EDUCATION: NEGOTIATING CULTURE DEAF.

AUTHOR: CARILISSA DALL'ALBA
ADVISOR: PhD MARCIA LISE LUNARDI-LAZZARIN

Date and Place of Presentation: Santa Maria, RS, April, 5, 2013.

This work is central to understand how problematic movements deaf as a space of struggle and resistance is redefining deaf come to building a policy of education for deaf guided joints between sign language and deaf culture. To account for this investment research some goals that guided the study: understanding the emergence of movements in deaf education scenario of the deaf; identify different strategies to fight organized by the movement deaf to understand its effects on deaf education in contemporary. To this he joined the field of Cultural Studies in Education, with crossings of the field of Deaf Studies who understand deafness and deaf education from a cultural and linguistic context specific. The empirical corpus study is divided into two groups of materials: narratives of deaf leaders and a set of documents that consider the conditions of possibility for the emergence of a discourse that has been producing movement deaf from other arrangements, other experiments. These sets of documents are: Document "Deaf Education that we Want" 1999 Project Course Letters / POUNDS, Law 10,436 / 5626 and certainly Movement Bilingual School for the Deaf. To the narratives of deaf leaders, collected through interviews, I could track the movement deaf at two, ie, in two outbreaks of analytical power. The first stage focused on the emergence of the fight for the official recognition of sign language in the constitution of deaf identities and the second in the trading strategies of deaf culture in education. You can check in emergencies and in the possibilities of movement history deaf political organization linked with the education of deaf and negotiation of deaf culture in the contemporary scenario.

Keywords: Motion Deaf, Deaf Education, Deaf Culture and Cultural Studies.

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1: Primeira turma de Letras/Libras 2006.

Figura 2: Logomarca do movimento feito pelo surdo goiano Sérgio Junior Lopes

Figura 3: Manifestação em Brasília, maio de 2011. Educação Bilíngüe para Surdos. Fonte: *Facebook*.

Figura 4: O Movimento surdo lutando pela educação bilíngüe, em Maio/2011, com mais de quatro mil pessoas. (Fonte: acervo pessoal).

Figura 5: Movimento Surdo nos dez anos da Lei 10.436 em Brasília, 24/04/2012.

Tabela 1: Movimento surdo e resistências surdas.

Tabela 2: Entrevistas com líderes surdas.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO: A EXPERIÊNCIA DE SER LÍDER SURDA E A ESCOLHA DO TEMA DA PESQUISA.....	13
CAPITULO 1 – PERCORRENDO OS CAMINHOS DA PESQUISA.....	21
1.1 Lócus da Pesquisa.....	21
1.2 Materialidade de Análise.....	24
1.2.1 Documento Educação que Nós Surdos Queremos.....	24
1.2.2 Oficialização da Libras/Decreto 5626/2005.....	27
1.2.3 Curso de Letras/Libras.....	30
1.2.4 Movimento Escola Bilíngue para Surdos.....	34
1.3 Sujeitos, dados, entrevistas.....	42
CAPÍTULO 2 – HISTÓRIAS, POSSIBILIDADES E RESISTÊNCIAS DOS MOVIMENTOS SURDOS NA CONFLUÊNCIA COM A EDUCAÇÃO.....	50
CAPÍTULO 3 – MOVIMENTOS SURDOS E AS ESTRATÉGIAS DE RECONHECIMENTO DA LÍNGUA DE SINAIS: A PRODUÇÃO DAS IDENTIDADES SURDAS.....	64
CAPÍTULO 4 – MOVIMENTOS SURDOS E A EDUCAÇÃO: NEGOCIAÇÃO DA CULTURA SURDA.....	75
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	87
REFERENCIAS BIBLIOGRAFIAS.....	89

APRESENTAÇÃO

A EXPERIÊNCIA DE SER LÍDER SURDA E A ESCOLHA DO TEMA DA PESQUISA.

Nasci surda? Ou nasci ouvinte? Isto pouco importa!
(PADDEN E HUMPHRIES, 1988, p.5).

Iniciei minha escrita com essas duas questões levantadas por esses dois pesquisadores surdos, pois foram elas que me estimularam a pensar na problematização de pesquisa, ou seja, na relação entre os movimentos surdos e seus efeitos na educação de surdos no cenário contemporâneo. Minha participação nas comunidades surdas serviu como alicerce para a realização dessa pesquisa, pois foi dentro dessas relações que me constituí como uma líder surda e que alguns questionamentos foram me afetando. A experiência de ser líder de uma comunidade surda, as relações que estabeleci no convívio com essa comunidade, tornam-se importantes referências pra aquilo que sou hoje: líder surda, pesquisadora, professora de Libras. Em conversa com outras colegas surdas posso perceber a importância das relações estabelecidas nessas comunidades para a produção de identidades surdas.

As pessoas me perguntam se sou feliz, mesmo sendo surda. [...] eles pensam que “ouvir” é tudo! A música, o celular, sem eles e sem os sons a vida é muito triste. Talvez para eles sim! Mas eu nasci surda. Isso nunca fez falta para mim. Sou feliz, sim! E sou feliz por ser a pessoa que me tornei e não por ser surda. Essa é a diferença! [...] Ser surda é motivo da minha existência e a condição que me foi posta na Terra. Sei viver com essa diferença e ser alguém que vive e não alguém que carrega a surdez como um fardo, um martírio” (NEVES, 2010. Apud MIANES, MULLER E FURTADO, 2011 p. 65).

Identifiquei-me com essa narrativa, pois estou aqui realizando uma pesquisa pela pessoa que sou, não porque sou surda. Tornei-me quem sou por conviver com a comunidade surda intensamente e não consigo viver sem comunidade surda. Nesse sentido, corroboro com Silveira, 2006, p.9 [...] quando diz: “Como me narro? Sou humana, sou surda, usuária de Língua de Sinais (LS), participo na comunidade surda (não vivo sem comunidade surda)...”. Sou testemunha de que os surdos participantes das comunidades

surdas criam laços muito fortes com ela, chegando a mencionar que a comunidade surda é como se fosse uma família para surdos, portanto, difícil de abandoná-la.

Procuro nesse espaço olhar para as formas como fui me produzindo e me constituindo professora e acadêmica surda ocupada com as questões do campo da educação de surdos. Há momentos que penso ter nascido com missões para realizar, será destino? Nasci mesmo para ser surda? Às vezes a minha convicção fala um pouco alto, penso o que seriam alguns eventos sem a minha presença, pois sei que sou útil nesses. Antes de contar minha história, gostaria de fazer uma ressalva: não pretendo aqui apelar por uma história marcada por estereótipos¹, por representações que narram a história dos surdos como algo sofrido por opressões e repressões, como o fato de sermos obrigados a oralizar e proibidos de usar as mãos para nos comunicar, mas narrar alguns acontecimentos que me colocaram nesse lugar que ocupo hoje

Tentei costurar a minha linha histórica para encontrar o motivo da minha liderança. Eu nasci surda pelo fato de minha mãe ter contraído rubéola durante a gestação. Sou a caçula da família e sempre fui tratada como uma criança normal (ou seja, uma criança ouvinte) apesar das difíceis barreiras que minha família e eu passamos. Aos oito meses de idade entrei na escola especial para surdos em Caxias do Sul, minha cidade natal. Indicada pela saudosa tia Lídia que foi professora, freqüentei essa instituição por 17 anos. Segundo os professores, fui a aluna mais “bebê” que ingressou na escola até hoje. Na época, a escola se chamava Escola Municipal de 1º grau incompleto Helen Keller², hoje é uma referência nacional por ser uma escola bilíngue.

Minha família é toda composta por ouvintes e mesmo assim, eles fizeram a opção de me colocar em uma escola de surdos. Entendo o mundo

¹O que quero dizer é que não pretendi fazer uma história dos surdos a partir de formas simplificadas pelas quais a comunidade surda é descrita. Ou seja, “o estereótipo tal como a representação em geral, é uma forma de conhecimento”, é meio pelo o qual buscamos conhecer o outro. “No estereótipo a complexidade do outro é reduzida a um conjunto mínimo de signos: apenas o mínimo necessário para lidar com a presença do outro sem ter de se envolver com o custoso e doloroso processo de lidar com as nuances, as sutilezas, e as profundidades da alteridade” (SILVA, 1999, p. 50-51).

² Os nomes atuais da escola Helen Keller: Escola Municipal Especial de Ensino Fundamental Helen Keller e Escola Estadual Especial de Ensino Médio Helen Keller.

dos meus pais, das minhas irmãs e daqueles que ouvem, eles entendem o meu mundo e eu participo dos dois mundos. Cito aqui uma citação da autora surda, Laborit (2000, p.73);

Com descoberta da minha língua encontrei a chave da porta maciça que me separava do mundo. Hoje entendo o mundo dos surdos, também daqueles que ouvem.

Na referida escola tive meus primeiros contatos com os gestos, na época não se falava em Língua Brasileira de Sinais (Libras), pois o método utilizado para a educação dos surdos era a comunicação total³: uma mistura de leitura labial com sinais. Nesse período, tive atendimento fonoaudiólogo, a fim de treinar minha leitura labial. Foi a partir da década de 1990 que a Libras⁴ começou a ocupar a centralidade na educação de surdos. Portanto foi, na escola que começamos a usar a Libras como a primeira língua dos surdos e a entendê-la com uma das duas línguas oficiais do Brasil. Também tínhamos acesso ao português escrito como segunda língua, pois, como disse anteriormente, a escola Helen Keller foi uma das pioneiras na proposta de educação bilíngue para surdos. Acho importante ser bilíngüe, ou seja, saber a Libras e o português. Embora muitos surdos pensem que a leitura labial é uma opressão dos ouvintes, não percebo que a aquisição de uma segunda língua tenha me oprimido, pelo contrário, me facilitou e me ajudou a ter mais independência.

A oportunidade de ter frequentado desde cedo uma escola de surdos foi de grande valia para a construção do que sou hoje. No entanto, não foi apenas na escola de surdos que pude construir minhas experiências surdas, meu ingresso precoce na Sociedade de Surdos de Caxias do Sul (SSCS) também foi de grande importância para minha formação. Meus pais me deixavam nas

³ A comunicação total foi um dos métodos da educação de surdos que permitiu algumas aproximações entre a língua gestual e a língua oral. No entanto, é importante pontuar que para a comunicação total “o uso dos gestos eram admitidos pelos ouvintes que educavam aos surdos como um meio de fazê-los melhor aprender os conceitos ensinados na escola” (LOPES, p.49). Portanto, a linguagem visual utilizada pela comunicação total, “marca a ausência de referenciais que dizem da existência de uma língua surda” (LOPES, 2007, p.49).

⁴ Língua de Sinais oficializada em 24 de Abril de 2002, pela lei Federal nº. 10.436/2002.

tardas de sábado na sociedade, lá eu observava os surdos adultos militando, lutando pelas causas e os direitos dos surdos. Não era comum ver crianças na sociedade de surdos, eu era a única e os surdos adultos me enchiam de elogios. Era uma coisa nova para eles, mas muito melhor para mim, que tive a oportunidade de conviver desde pequena com os surdos adultos. Com eles aprendi e amadureci muito cedo, algum tempo depois comecei a ajudar nas atividades da Sociedade de Surdos de Caxias e me apaixonei pelo trabalho voluntário.

Participar da sociedade de surdos me mostrou a possibilidade de ocupar lugares políticos surdos. Com a sociedade de surdos eu viajava com os surdos adultos para outras cidades a fim de conhecer outras associações de surdos como a de Santa Maria, de Guaíba, de Porto Alegre, por exemplo. Nessas viagens quase sempre eu era a mais nova da turma. As relações que estabeleci a minha vida como militante dos movimentos surdos constituiu minha identidade surda, mas principalmente minha experiência de liderança. Ser líder não foi um sonho, tudo foi andando sozinho, aos poucos eu conquistava lugares políticos e realizava eventos voluntariamente. A constituição da identidade surda foi constituída na escola que estudei e nas comunidades surdas, tudo foi se articulando nesses espaços. Nesse sentido, a primeira doutora surda do Brasil, a gaúcha Gladis Perlin argumenta:

Identities surdas são presentes no grupo onde entram os surdos que fazem uso com experiência visual propriamente dita. Noto nesses surdos, formas muito diversificadas de usar a comunicação visual caracteriza o grupo levando para o centro do específico surdos...sua identidade fortemente centrada no ser surdo, a *identidade política surda*. Trata-se de uma identidade que se sobressai na militância pelo específico surdo. É a consciência surda ser definitivamente diferente e de necessitar de implicações e recursos completamente visuais. (1998, p.63).

Também havia modelos de liderança na família, meu pai foi presidente do Conselho de Pais e Mestres da escola em que eu estudava. Nessas ocasiões percebia o lado líder dele e de minha mãe, que foi fundadora do clube das mães da escola. Eles fizeram muitos trabalhos voluntários para ajudar a escola, e nessas ocasiões eu participava nas reuniões com eles - tanto do conselho de pais e mestres quanto do clube de mães. Sentava no fundo e

aprendia algumas coisas nessas reuniões. Essas experiências foram me subjetivando na construção da minha identidade de liderança, fui me despertando aos poucos.

Não posso esquecer aqui de mencionar o professor e pesquisador Carlos Skliar⁵, o mesmo fazia pesquisas na escola Helen Keller e ajudou a implantar o projeto bilingue na escola. Nas quartas-feiras à tarde os alunos faziam alguma atividade com a presença dos professores surdos, havia gincanas, palestras, brincadeiras didáticas, olimpíadas, teatros, dança. Este projeto se chamava “Área campo de ação”. O projeto iniciou em 1993 com objetivo de valorizar o desenvolvimento da Cultura Surda através da troca de experiências, de incentivar as produções culturais dos alunos surdos e a interação entre crianças surdas e adultos surdos, como também, criar as condições que garantissem a aquisição de Língua de Sinais. Essas atividades eram realizadas pelos instrutores surdos e este projeto permanece na escola até os dias atuais. O projeto “área” também foi a experiência do pesquisador Carlos Sánchez, da Venezuela. Artigo uma citação que se relaciona com o projeto de “área”:

(...) a escola implementou o projeto que ficou nome de “área”, um espaço destinado para o convívio e interação entre crianças de diferentes faixas etárias e com surdos já adultos. As atividades baseavam-se em temas escolhidos pelos alunos e professores e essas eram desenvolvidas todas na Língua de Sinais. (NEVES, 2011, p. 107).

Nesse trabalho sempre era necessário a presença de alunos líderes para ajudar a organizar as filas e auxiliar os professores surdos; eu era um desses alunos líderes e adorava isso. Sempre que podia ia à escola fora dos horários de aula para construir atividades, foi um aprendizado grande. Pedia para o meu pai me levar mais cedo para escola para organizar as filas e preparar os materiais para o projeto. Meu pai sempre me chamava de “chefona”, até pode ser engraçada a palavra, mas gostava daquela postura, só que não sabia que seria um momento importante, ou seja, uma construção de liderança. Fiz parte da diretoria do Grêmio Estudantil, do Conselho da Escola, representante de turma. Viajava para vários congressos, seminários, encontros

⁵ O Professor Carlos Skliar foi professor do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS. Coordenou o Núcleo de Pesquisa e Políticas em Educação de Surdos (NUPPES), no período de 1997-2006.

com professores da escola e meus pais também iam junto, inclusive fomos ao V Congresso Latino Americano de Educação Bilingue, em 1999. Nesse congresso eu tive oportunidade de conversar com surdos estrangeiros, fiquei maravilhada, foi uma oportunidade imensa estar no congresso que marcou a história e hoje aparece nesta pesquisa. Sempre ocupei muitas posições de liderança na escola e até hoje tenho paixão pelos trabalhos voluntários.

Ao sair da escola e ingressar na faculdade, fiz parte da diretoria da Sociedade dos Surdos de Caxias do Sul (SSCS) e depois fui diretoria da Federação Nacional de Educação e Integração de Surdos – FENEIS. Juntamente com essa atividade na diretoria da FENEIS coordenava a campanha Legenda para quem não ouve⁶. Em 2012 voltei a fazer parte da diretoria da SSCS.

Entre alguns dos encontros que ajudei a realizar enquanto estava nessas atividades estão: os encontros de jovens surdos, encontros para professores surdos, festas de aniversário das associações, festival de Cultura Surda, entre tantos outros que não é possível citá-los, mas que tive muito orgulho de fazê-los. Organizei as minhas três formaturas, de ensino fundamental, do ensino médio e de graduação Letras/Libras, as quais também fizeram parte da experiência de ser líder. Antes de passar no vestibular do Letras/LIBRAS em 2006, ingressei no curso de Geografia na ULBRA – Universidade Luterana do Brasil, em Canoas, mas estudei só por um semestre, foi quando passei no segundo vestibular, na UCS – Universidade de Caxias do Sul, para História. Tranquei a faculdade de História depois de quatro semestres para poder terminar o Letras/Libras, sou apaixonada pela história, geografia, política, sociologia, ciências sociais, ainda desejo em realizar o meu sonho me formar se de História.

Ao me formar no ensino fundamental não havia ensino médio na escola Helen Keller, quase fui para Porto Alegre para estudar na escola Concórdia⁷ (ULBRA). No entanto, precisava continuar em Caxias do Sul para junto com

⁶ Campanha criada em 2005 por um surdo pernambucano com vínculo no Ministério da Cultura e Lazer, cujo objetivo foi a criação de legendas em língua portuguesa para os filmes nacionais.

⁷ A Escola Concórdia, vinculada a Igreja Luterana do Brasil, foi uma das principais instituições educacionais no Rio Grande do Sul, a se ocupar da educação de surdos. Atualmente é administrada pela ULBRA – Universidade Luterana do Brasil.

meus colegas, lutar para conseguirmos o ensino médio. Com muito esforço e dedicação dos alunos, professores e pais conseguimos no ano de 2002 a fundar o ensino médio, a Escola Especial Estadual de Ensino Médio Helen Keller. Com essa conquista tive oportunidade de cursar o ensino médio na mesma escola que estudei antes, junto com meus colegas surdos e com toda estrutura necessária para uma educação bilíngüe.

Sabemos que a primeira língua dos surdos é a Língua de Sinais, freqüentemente a maioria de surdos não conseguem ter uma boa estrutura de escrita, mas graças aos investimentos feitos pela minha família durante minha escolarização consegui adquirir fluência na leitura e escrita da língua portuguesa. Caldas (2012, p.140) menciona que a Libras deve ser a primeira língua de surdos;

A Libras deve ser a primeira língua a ser ensinada aos surdos, pois esse direito lhes é concedido pelo Decreto 5262, de 22 de dezembro de 2005. Além disso, a Língua de Sinais é o meio natural que a criança surda dispõe para internalizar conhecimentos. (CALDAS, 2012, p. 140).

Durante as férias em família meus pais me enchiam de gibis, revistas, jornais para ler, o objetivo era que eu tivesse acesso a palavras novas. Em casa sempre havia jornais e acho que com o jornal eu aprendi a escrever melhor, pois o jornal tem uma escrita clara e mais direta, portanto, mais fácil de ser entendido. Aquilo que não era entendido eu pedia às minhas irmãs e aos meus pais para me explicarem. Todos se envolviam com essa tarefa: minhas primas e tias também me ajudavam, a minha *nona*, avó materna, falava em português com sotaque italiano, como eu não entendia tudo minhas primas sempre me ajudavam a entendê-la. Eu adorava aprender as palavras em italiano.

Com a leitura labial conseguia entender tudo na televisão, mas quando não era possível ver os atores e jornalistas por estarem de costas, pedia para as pessoas me passarem o que estavam falando na televisão, isto me fez mobilizar a campanha que luta pelas legendas na televisão. Lutamos até hoje por esse direito, a luta continua, ainda falta muito a ser feito para a acessibilidade dos surdos. Este ano a campanha completou nove anos de existência no dia cinco de maio.

O meu desejo foi escrever sobre o movimento surdo na atualidade, ou seja, na contemporaneidade. Sei que há muitas pesquisas que tratam dos movimentos surdos, mas o meu interesse foi entender como esses movimentos se configuram em meio ao avanço tecnológico e quais seus efeitos para o campo da educação de surdos. Há pesquisas sobre o movimento surdo⁸ no Brasil. Quando fiz o projeto para a seleção para o Mestrado em Educação na UFSM, minha intenção era averiguar se o uso da tecnologia pelos surdos havia enfraquecido os movimentos surdos. No entanto, com as leituras e as orientações desenvolvidas durante esse tempo de estudo percebi que essa pergunta não fazia sentido, afinal a tecnologia se alia ao movimento surdo, ou seja, ele mobiliza, faz com que os movimentos surdos ocupem outros espaços. Com os novos recursos tecnológicos como a internet, redes sociais, telejornais, endereços eletrônicos, *youtube* etc. o movimento surdo fica mais “rico” em informações, é assim que a comunidade surda fica sabendo dos movimentos surdos que acontecem pelo mundo. Para Schallenberger (2010, p. 58), “o mundo virtual é um espaço que vêm possibilitando que os surdos de diferentes partes do mundo entrem em contato e descubram características de diversos outros países”.

Foi um privilégio ter a professora Márcia Lunardi-Lazzarin como minha orientadora, no começo do curso de mestrado estava insegura com o tema, mas com a vasta experiência da minha orientadora, pude ir ressignificando minha problematização.

Para finalizar, destaco que escrevo aqui no plural porque sou da comunidade surda, com ela cresci e acredito que a sua existência é de extrema importância na vida dos surdos e dos ouvintes que participam dela. Emprestei a minha pessoa e as minhas experiências a essa pesquisa.

⁸ Pesquisadoras Professora Dra. Madalena Klein (1999) e Professora Ms. Gisele Rangel (2004) pesquisaram os movimentos surdos nas suas dissertações de mestrado.

CAPITULO 1 – PERCORRENDO OS CAMINHOS DA PESQUISA

1.1 Lócus da Pesquisa

A presente pesquisa está filiada ao campo dos Estudos Culturais em Educação, com atravessamentos do campo dos Estudos Surdos que entendem a surdez e a educação de surdos a partir de um contexto cultural e linguístico específico. Essa perspectiva afasta-se dos discursos clínicos/terapêuticos historicamente presentes no campo da educação de surdos. Skliar (1998) argumenta que o conceito “surdez” ainda está mais próximo da noção de diversidade do que de diferença,

O Conceito de diferença não é utilizado como um termo a mais, dentro de continuidade discursiva, onde habitualmente se incluem outros como, por exemplo, “deficiência” ou “diversidade”. Estes, no geral, mascaram e neutralizam as possíveis consequências políticas, colocam os outros sob um olhar paternalista, e se revelam como estratégias conservadoras para ocultar uma intenção de normalização. A diferença, como significação política, é construída histórica e socialmente; é um processo e um produto de conflitos e movimentos sociais, de resistências às assimetrias de poder e de saber, de outra interpretação sobre a alteridade e sobre significado dos outros no discurso dominante. (SKLIAR, 1998, p. 06).

A escolha do campo dos Estudos Culturais como lócus epistemológico dessa pesquisa ocorreu pelo fato dessa perspectiva colocar como centralidade as tensões existentes no campo cultural. Portanto, as temáticas que envolvem questões de gênero e sexualidade, identidades nacionais, pós-colonialismo, etnia, políticas de identidade, discurso e textualidade, pós-modernidade e, aqui incluo os Estudos Surdos, são materialidades centrais para esse campo de investigação. A cultura não aparece simplesmente, ou seja, ela não é natural, são os sujeitos que a constroem, a modificam e a atualizam. Para Costa, Silveira e Sommer (2003),

Nas teorias dos Estudos Culturais, a cultura que temos determina uma forma de ver, de interpelar, de ser, de explicar e de compreender o mundo. Hall diz que na ótica dos Estudos Culturais as sociedades capitalistas são lugares da desigualdade no que se refere a etnia, sexo, gerações e classes, sendo a cultura o *locus* central em que são estabelecidas e contestadas tais distinções. (SOMMER, 2003, p. 38).

Nessa aproximação entre os Estudos Culturais e os Estudos Surdos posso afirmar que o movimento surdo é articulado com a Cultura surda, ou seja, o conceito de Cultura surda é central ao movimento surdo. É a Cultura surda que coloca em trânsito os diferentes significados culturais que o movimento surdo assume e produz. Muitos são os trabalhos de pesquisa que vem se ocupando em olhar para as questões da surdez a partir dessa “virada cultural”, entre eles posso citar: Padden e Humpgries (1998); Wrigley (1996); Skliar (1998); Quadros (1999); Miranda (2002); Lunardi (1998); Lopes (1998); Thoma (1998); Stumpf (2003); Rangel (2003); Perlin (1998); Strobel (2008); Karnopp, Klein e Lunardi-Lazzarin (2011). O que posso inferir a partir desses trabalhos é que a Cultura surda é tomada como um conjunto de costumes das pessoas surdas, como de discursos que vem instituindo formas de ser surdo. Portanto, ao falarmos de Cultura surda estamos nos referindo a elementos como a Língua de Sinais, o humor surdo, a literatura surda, as piadas, as artes, os materiais visuais etc. Segundo Strobel (2008),

A Cultura surda é o jeito de o sujeito surdo entender o mundo e de modificá-lo a fim de se torna-lo acessível e habitável ajustando-os com as suas percepções visuais, que contribuem para a definição das identidades Surdas e das “almas” das Comunidades Surdas. Isto significa que abrange a língua, as ideias, as crenças, os costumes e os hábitos de povo surdo. (STROBEL, 2008, p. 24).

Nesse contexto, trago a importância do campo dos Estudos Surdos para essa pesquisa. Esse campo surge a partir dos movimentos surdos organizados e de pesquisadores (surdos e ouvintes) que influenciados pela perspectiva teórica dos Estudos Culturais em Educação, começam a tomar a questão cultural como elemento central nas suas investigações. Para Sá (2006, p.47) “os Estudos Surdos inscrevem-se como uma das ramificações dos Estudos Culturais, pois enfatizam as questões das culturas, das práticas discursivas, das diferenças e das lutas por poderes e saberes”.

O NUPPES – Núcleo de Pesquisa em Políticas Educacionais para Surdos criado em 1997 junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Rio Grande do S/UFRGS foi um grupo muito importante à comunidade surda, pois possibilitou o ingresso de surdos nos

cursos de mestrado e doutorado, como também, produziu novos olhares sobre as pesquisas no campo da educação de surdos. Várias foram as pesquisas desenvolvidas e publicadas pelos projetos de dissertações e teses, pelo referido grupo. Esse investimento de pesquisa no campo da educação de surdos contribuiu para ampla divulgação e visibilidade das lutas sociais, educacionais e políticas das comunidades surdas. É na intersecção desses movimentos que o NUPPES, articulado com o campo dos Estudos Culturais, definem os Estudos Surdos:

Os Estudos Surdos se constituem enquanto um programa de pesquisa em educação, onde as identidades, as línguas, os projetos educacionais, a história, a arte, as comunidades e as culturas surdas são focalizadas e entendidas a partir da diferença, a partir de seu reconhecimento político”. (SKLIAR, 1998, p. 5).

Nesse contexto, tivemos uma democratização das produções acadêmicas de pesquisadores surdos e ouvintes. Para Lopes (2007),

A democratização da produção acadêmica realizada no NUPPES foi um dos primeiros movimentos do grupo. Nesse movimento, dissertações de mestrado realizadas em várias universidades (para pensar a educação e a língua surda sob um enfoque culturalista e antropológico) passaram a circular com mais facilidade, somando-se à produção que se realizava no NUPPES. (LOPES, 2007, p. 34).

A partir desse contexto teórico/metodológico elaboro a seguinte questão de pesquisa: como os movimentos surdos enquanto espaço de lutas e resistências surdas vêm se resignificando para a construção de uma política de educação para surdos pautada nas articulações entre Língua de Sinais e Cultura surda. Nesse contexto, procurei nas articulações entre Estudos Surdos, Estudos Culturais e Movimentos Surdos as possibilidades das emergências dos documentos aqui analisados. Para dar conta desse investimento de pesquisa, apresento alguns objetivos que nortearão essa problematização: entender a emergência dos movimentos surdos no cenário da educação de surdos; identificar as diferentes estratégias de luta organizadas pelo movimento

surdo a fim de compreender seus efeitos para a educação de surdos na contemporaneidade.

1.2. Materialidade de Análise

Para dar conta do tema da minha pesquisa que na articulação entre os movimentos surdos com a educação tem por objetivo central entender as formas como esse movimento vem se articulando na contemporaneidade e quais seus efeitos no campo da educação de surdos, elegi dois grupos de materiais: narrativas de líderes surdos e um conjunto de movimentos que considero como condições de possibilidades para a emergência de um discurso que vem produzindo o movimento surdo a partir de outros arranjos, de outras experiências. São quatro documentos que utilizei como materialidade para esse estudo: Documento “Educação que nós Surdos Queremos” de 1999, 2. Projeto de Curso Letras/libras, 3. Lei 10.436/ Decerto 5.626 e 4. Movimento Escola Bilíngüe para Surdos. No contexto desse estudo esses quatro documentos podem ser entendidos como as condições de possibilidade para emergência de um discurso que produz o movimento surdo.

A articulação entre movimento surdo e educação é uma constante nas agendas políticas e educativas do nosso país. Portanto, apresento a seguir uma pequena descrição dos quatro movimentos que considero importantes nas lutas dos movimentos surdos para pensar a problematização desta pesquisa. Finalizo o capítulo apresentando os sujeitos, os dados e as entrevistas que compuseram a pesquisa.

1.2.1 Documento Educação que Nós Surdos Queremos

Este documento foi produzido no Pré-Congresso que antecedeu o V Congresso Latino Americano de Educação Bilíngüe, em 1999, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, e que reuniu centenas de sujeitos surdos e pesquisadores ouvintes. Evento organizado pelo NUPEES que ocorreu em Porto Alegre marcou a história surda e contribuiu para a inscrição do movimento surdo entre movimentos sociais em prol do reconhecimento das diferenças culturais.

No pré-congresso os sujeitos surdos se reuniram e elaboraram o documento *Educação que nós surdos queremos*. Nesse documento constam os esclarecimentos sobre a forma como os surdos queriam que fossem narrados, diretrizes surdas para a educação, discussões de Língua de Sinais, os direitos dos intérpretes de Língua de Sinais e o reconhecimento da Língua de Sinais pelo Estado.

Em uma passeata que reuniu em torno de duas mil pessoas, o documento foi entregue ao governador do Estado Rio Grande do Sul, na época, Olívio Dutra. Segundo Lopes (2007),

Esses acontecimentos trouxeram, para as discussões no campo da educação de surdos, outros atravessamentos teóricos que permitiram aos pesquisadores pensar a surdez dentro de novas bases epistemológicas, até então desconhecidas ou pouco divulgadas. Partidários da ideia de que a surdez é uma invenção cultural, eles introduziram em suas pesquisas e produções textuais novas reflexões sobre identidade, diferença, comunidade e diversidade. (LOPES, 2007, p. 33).

O documento a *Educação que nós surdos queremos* está composto por 147 artigos, e tem como objetivo principal o fim da política de inclusão/integração e enfatizou a urgência de criação de escolas para surdos. Citarei aqui dois dos 147 artigos. O documento foi criado em 1999, já passaram onze anos, alguns artigos não fazem mais parte da comunidade surda, ou seja, conquistamos, por exemplo, o que pretendiam os artigos 14 e 122.

O artigo 122 dispõe: “Buscar a regulamentação da profissão de Instrutor de Língua de Sinais, em parceria com Associações e Federações de Surdos, para obter o reconhecimento legal da profissão”. Esse ponto na agenda política do movimento surdo foi legitimado com a criação do Letras/Libras em 2006, pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC que teve o objetivo de formar o Professor de Libras. Segundo o decreto 5.626/2005 a função do professor de Libras é legalizada e ter proficiência de Libras complementa a profissão de professor de Libras.

O artigo 147 prevê a garantia de “intérprete com formação de 3º Grau possa atuar na tradução para Língua de Sinais nas universidades”. No entanto a luta pelo direito a intérpretes ainda continua, pois há muitos espaços entre eles, universidades, que ainda não contam com a presença desse profissional

no seu quadro de recursos humanos, ou possuem profissionais sem a qualificação exigida por lei.

Para além do que está apregoado no artigo 147, muitos são os anos de luta para oficialização da profissão de intérprete. Em 01/09/2010 foi regulamentada a profissão de tradutor e intérprete da Língua Brasileira de Sinais, pela Lei nº 12.319. Com essa lei os intérpretes de Libras podem ter o nome da sua profissão na carteira de trabalho, na folha de pagamento, o que antes não era possível, já que não era uma profissão regulamentada. A atual luta de intérpretes é ter um plano de carreira, ter um salário maior e justo, e também os cuidados com a saúde. Um dado importante é que maioria de interpretes que interpretam por muitas horas sofrem de LER – Lesões por esforços repetidos, devido à falta de condições adequadas de Trabalho.

As professoras doutoras e pesquisadoras Adriana da Silva Thoma e Madalena Klein pesquisaram como está o andamento deste documento depois de dez anos de elaboração. Para fazer essa análise entrevistaram dez líderes surdos e professores que narram suas experiências nas escolas de surdos, ou seja, sujeitos surdos que vivenciaram aquele momento histórico. A partir das respostas desses líderes as professoras concluíram:

Percebemos nas respostas dessas lideranças surdas, um comprometimento que se estabelece entre seus membros, formando uma rede de trocas de comunicação, símbolos, imagens e outros dispositivos de identificação. Essa rede constitui-se através de um comprometimento com a Língua de Sinais, com a Cultura surda e as estratégias de compreender e relacionar-se com outros indivíduos surdos e com o mundo. (THOMA e KLEIN, 2010 p.125).

São muitos anos de movimento surdo, alguns marcaram fortemente a história da Educação de surdos, a maioria das lutas realizadas pelo povo surdo é para garantir uma educação justa para surdos e profissionais qualificados. O documento entregue ao governador e feito no pré-congresso foi um marco histórico. Como afirmam as pesquisadoras Thoma e Klein (2010),

Do movimento e das lutas surdas empreendidas na metade dos anos 90 do século XX em diante, resultaram mudanças na Educação de Surdos, entre elas, a formação de professores surdos e sua inserção nos espaços escolares. Muitos desses professores narram experiências escolares de seu tempo como alunos surdos como potencializadoras para uma mobilização e articulação política de

resistências às práticas educacionais vividas por eles. Essa mobilização produziu efeitos políticos importantes para mudanças em direção a uma Educação de Surdos, materializados no Documento de 1999. Esse Documento subsidiou debates e provocou a necessidade de mudança tanto na legislação de forma geral, quanto nas escolas mais especificamente, através da reestruturação de projetos político-pedagógicos e projetos de formação de professores. (KLEIN, 2010, p. 114).

1.2.2 Oficialização da Libras/Decreto 5626/2005

O percurso para oficializar a Libras foi longo e começou com um projeto de lei em 1993, pela senadora Benedita da Silva, e em 2002 foi aprovada e regulamentada em 2005, pelo presidente Luis Inácio Lula da Silva. Vale lembrar que luta do movimento surdo pela lei foi longo, foram várias mobilizações, passeatas, reuniões etc.

Os anos 90 do século XX podem ser lembrados como o tempo da mobilização e do fortalecimento dos movimentos surdos no Brasil. Os surdos gaúchos, em parceria com pesquisadores da área da Educação de Surdos, mobilizaram-se e engajaram-se nas lutas que, naquele momento, privilegiavam a necessidade de reconhecimento da Língua de Sinais como primeira língua dos surdos. Várias mobilizações, como passeatas, atos públicos em parlamentos e nas ruas, articuladas por associações e escolas de surdos marcavam os calendários das escolas e entidades representativas de surdos, familiares e educadores. A oficialização da Língua Brasileira de Sinais (Libras), primeiramente em alguns municípios e Estados, serviu de estratégica para o fortalecimento do movimento surdo no sentido de chegar ao Congresso Nacional, no ano de 2002, para a promulgação da Lei de Oficialização da Libras em todo o território nacional. (THOMA e KLEIN, 2010, p. 110).

Para mim, enquanto pesquisadora foi difícil procurar e pesquisar sobre a lei 10.436 por falta de registros oficiais, ou melhor, de registros científicos como artigos, dissertações, teses, livros, fotos, vídeos e jornais. Mas consegui coletar os relatos de surdos e ouvintes que participaram do processo da oficialização da lei de Libras. A seguir o relato da professora doutora em Linguística, Tânia Felipe⁹:

A professora Tânia Felipe, doutora em Linguística pela Universidade Federal de Rio de Janeiro, relata que a mobilização para a oficialização nacional da Libras começou no Rio de Janeiro em

⁹ Relato conseguido por e-mail em maio de 2011.

1993, mas o primeiro estado a oficializar a Libras foi o de Minas Gerais. Vale ressaltar que no ano de 1993 foi realizado 2º Congresso Latino Americano de Bilinguismo (Língua de Sinais/Língua Oral) para surdos no Rio de Janeiro. Esse evento foi organizado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ através do grupo de pesquisa “Estudo da Libras, Aquisição da Linguagem e Aplicação à Educação de Surdos”.

Em 1996 a Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência realizou uma Câmara Técnica que resultou no documento “Resultado da Sistematização dos Trabalhos da Câmara Técnica sobre o Surdo e a Língua de Sinais”. A lei de oficialização de Libras, lei nº 10.436 foi oficializada em 24 de abril de 2002, e declara que a Libras é segunda língua oficial do Brasil. Com isso a comunidade surda tem um respaldo na lei ao promover manifestações com a intenção de exigir respeito à Cultura surda e lutar por uma educação de surdos com qualidade. Segundo Strobel, (2008),

A Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS, graças à luta sistemática e persistente das comunidades surdas, vitoriosamente foi reconhecida pela nação brasileira como a língua oficial ao povo surdo, com publicação da Lei. 10.436, de 24 de abril de 2002. (STROBEL, 2008, p. 75).

O movimento Surdo tem características semelhantes a outros movimentos sociais, como o dos indígenas, de negros, de homossexuais etc. Nas recomendações da UNESCO que teve influência da World Federation of the Deaf (WFD), a Língua de Sinais é reconhecida como língua natural das pessoas surdas e garante o acesso de crianças surdas a ela o mais precocemente possível.

No ano de 2012, a lei de oficialização da língua completou dez anos, a comunidade surda organizou uma grande manifestação em Brasília no dia que a lei foi oficializada – 24 de abril. O objetivo da manifestação dos dez anos da Lei de Libras foi alavancar a luta pela implantação das escolas bilíngues aos surdos no Brasil. Tive a oportunidade de participar deste movimento realizado em Brasília para comemoração dos dez anos da Libras como uma língua oficial. No entanto não vou considerar a palavra comemorar como uma palavra festiva, mas como uma forma de avaliar. Sim, o objetivo do nosso encontro foi fazer uma avaliação desses dez anos da lei como fruto de muitas lutas, mas também como todas grandes lutas, as vitórias são provisórias.

A organização do movimento dos dez anos da lei Libras foi mobilizada nas redes sociais pelos líderes surdos e ouvintes em todo Brasil e teve com objetivo entregar as propostas para a Educação Bilíngue aos surdos à Casa Civil. A mobilização começou pela manhã na frente do museu nacional em Brasília, eram aproximadamente 800 pessoas, houve discursos dos líderes e foi apresentada a nova presidente da FENEIS, a colega Ana Regina Campello, que foi uma das fundadoras da FENEIS. De tarde a mobilização continuou em frente ao Congresso Federal, onde foi permitida a entrada de alguns líderes surdos ao plenário, onde havia um debate sobre relatório do PNE (Programa Nacional de Educação), o que possibilitou um debate entre surdos e deputados. Um dos deputados fez um pequeno discurso contra a educação bilíngüe aos surdos, alegando ser caro para manter e que tem receio de que outros deficientes também queiram uma educação apropriada. Concluímos com essa manifestação que ele não entendeu qual a educação que os surdos querem.

O custo de uma criança deficiente, para o sistema público de educação, é infinitamente maior que o de uma criança sem deficiências. Isto constitui um argumento de peso, junto com o do chamado fracasso quantitativo da escola especial – que, na verdade, pode ser melhor compreendido, como o fracasso de um modelo, o modelo da deficiência - , como para entender por que muitos dos organismos internacionais sustentam enfaticamente a ideia da inclusão nos termos estritamente econômicos. (SKLIAR, 1999, p. 30).

Também houve um discurso de uma pesquisadora ouvinte que relatou que no Estado do Amazonas há uma educação pensada para o povo indígena, com base na sua cultura e na sua língua, portanto porque os surdos não podem ter isso também? Uma educação bilíngue para surdos é o direito de esses sujeitos terem uma escola que priorize a Libras, afinal ela é a segunda língua oficial do Brasil e primeira língua (L1) dos surdos.

Quase todos os participantes do movimento estavam vestidos de camisetas com legenda “Educação Bilíngue para Surdos”. Havia muitos cartazes e faixas com frases, inclusive representantes de alguns estados se vestiram com os trajes típicos de seus estados. Certas metanarrativas¹⁰

¹⁰ Entendo por metanarrativa “as pretensões totalizantes de saber do pensamento moderno” (SILVA, 1999, p.112). No caso da educação de surdos várias são as metanarrativas que

permanecem no movimento surdo produzindo certas representações acerca do mundo das pessoas surdas, dos seus movimentos e de sua cultura. O movimento surdo se alia muito com a cultura surda, nas duas grandes manifestações em que estive posso afirmar que o movimento surdo produz essa cultura. Há um conjunto de costumes, ideias, desejos e experiências reunidos num conjunto de imagens, de objetos visuais que simbolizam e marcam o que é ser surdo. Portanto, a noção de cultura surda se constitui em uma metanarrativa que institui uma verdade sobre o que é ser surdo.

1.2.3 Curso de Letras/Libras

Em 2001, os representantes surdos de todo o país se reuniram no “Seminário Nacional: Surdos um Olhar sobre as Práticas em Educação” realizado em Caxias do Sul, Rio Grande do Sul, para fazer uma lista de recomendações. A principal recomendação era a criação de um curso de graduação de Língua de Sinais aos surdos, já que em 2001 ainda a Libras não havia sido oficializada. O movimento surdo lutava por isso sem imaginar que teria o Curso Letras/Libras em 2006.

Em 2006 a Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, em parceria com Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos – FENEIS e Centro Federal de Educação Tecnológica de Santa Catarina – CEFET-SC fizeram a proposta de curso de Graduação em Letras/Licenciatura habilitação em Língua Brasileira de Sinais na modalidade a distância.

O Curso foi especialmente projetado para profissionais da área surdez e Educação de Surdos. O documento com a proposta de curso de graduação em Letras/licenciatura habilitação em Língua Brasileira de Sinais apresenta em quarenta e sete paginas os detalhes para realização desse curso, considerado o primeiro curso de graduação de Letras/Libras na modalidade de educação de

procuram explicar de forma abrangente e totalizante o mundo surdo, por exemplo: oralismo, inclusão, comunidade surda, a Língua de Sinais.

educação à distância, portanto inédito. O referido Curso, turma 2006, foi ofertado para nove Pólos¹¹, localizados em Instituições Públicas Federais.

Com o decreto 5.626/2005 fica instituída a obrigatoriedade da oferta da disciplina de Língua de Sinais nos currículos dos Cursos de Licenciatura e Fonoaudiologia. No entanto, para inserir a Língua de Sinais no currículo é necessário formar os profissionais com profundo conhecimento da Cultura surda e da gramática da Língua de Sinais, além de outros elementos que constituem o cotidiano das comunidades surdas. Nesse contexto, posso afirmar que esse foi um dos motivos da criação do curso de Letras/Libras. O artigo número quatro da lei 10.436 detalha que os sistemas educacionais Federal, Estadual, Municipal e do Distrito Federal devem garantir a inclusão nos cursos de formação de Educação Especial, de Fonoaudióloga e de Magistério, em seus níveis médios e superiores, do ensino da Língua Brasileira de Sinais – Libras, como parte integrante dos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs, conforme legislação vigente.

Na proposta da criação do curso de Letras com habilitação na Língua Brasileira de Sinais, fica claro que a formação de profissionais da área da surdez apresenta repercussões sociais e políticas definitivas para a concretização da inclusão das pessoas surdas na sociedade brasileira. Antes de existir o curso de graduação focado na Língua de Sinais existiam instrutores de Libras, monitores de Libras, mas sem formação acadêmica.

A implementação do curso de Letras/Libras na modalidade a distância teve o objetivo de formar profissionais com capacidade para trabalhar com a Libras e qualificar os profissionais que estão na educação de surdos como professores, psicólogos, professores surdos e ouvintes, intérpretes de Língua de Sinais, fonoaudiólogos, etc. Os alunos formados em Letras/Libras licenciatura podem dar aulas e o bacharel de Letras/Libras pode traduzir e interpretar a Língua de Sinais. Os recursos didáticos e pedagógicos do curso ocorreram por meio de diferentes mídias: videoconferência interativa, internet –

¹¹ As nove instituições polo foram: Universidade Federal de Santa Maria - UFSM, Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, Universidade de São Paulo - USP, Instituto Nacional de Surdos/Rio de Janeiro – INES, Centro Federal de Educação Tecnológica de Goiás – CEFET/GO, Universidade Nacional de Brasília – UNV, Universidade Federal de Bahia, UFBA, Universidade Federal de Ceara – UFC e Universidade Federal de Amazonas – UFAM.

ambiente virtual, ou seja, ambiente de aprendizagem on-line, vídeos, hiperlinks, material impresso, vídeo-aula. Enfim os acadêmicos realizavam os seus trabalhos em casa, pela internet, e a cada quinze dias tinham um encontro presencial em um dos pólos para apresentação de trabalhos e tirar dúvidas com tutores ou professores.

A estrutura do Curso era composta por Coordenação Geral, Coordenação local, professor autor, professor assistente, professor orientador, intérprete de Língua de Sinais, monitor de educação à distancia e tutor. Na primeira edição do curso Letras/Libras foram oferecidas 500 vagas, em todo país, a seleção foi por meio de vestibular com 55 vagas para cada um dos 09 pólos já mencionados. O Curso de Letras/Libras teve oito períodos/semestres, de 2006 a 2010, com 420 horas de estágio, 210 horas de atividades complementares, monografia (o trabalho final da graduação). O curso de Letras/Libras estrutura-se com a base legal da resolução CNE/CESN/ 492/2011 que estabelece as diretrizes curriculares para curso de Letras e na resolução CNE N° 2 institui a duração e a carga horária dos cursos de licenciatura.

Em 2011 ocorreu a formatura dos alunos do Curso de 2006 nos nove pólos onde o Curso foi ofertado. Segundo dados do Curso formaram-se em todo Brasil 376 alunos com habilitação para o ensino da Língua Brasileira de Sinais. Na segunda edição do Letras/Libras (2008) na modalidade à distância são 389 alunos no Curso de licenciatura e 342 alunos no bacharelado¹².

¹² Números informados pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Não existe levantamento de quantos alunos são surdos e quantos são ouvintes.



Figura 1: Primeira turma de Letras/Libras 2006 – Pólo UFSC (*Fonte:* acervo pessoal)

Há, também, o curso de graduação em Letras/Libras na modalidade presencial na UFSC. Já foram realizados quatro vestibulares e atualmente conta com o curso de bacharelado e de licenciatura. Eu sou testemunha que o curso de Letras/Libras foi muito importante para os surdos, pois muitos tiveram a oportunidade de aprender aspectos da estrutura da Libras como, por exemplo, a gramática dessa língua. E os alunos dessa forma sentem-se mais preparados para exercer a função de professor de Libras. Segundo Strobel, (2008),

O Curso de Letras/LIBRAS é pioneiro na América Latina: “A UFSC oferecerá, a partir deste ano, em parceria com outras oito instituições de ensino superior, o curso de graduação a distância em Letras/Licenciatura com habilitação em Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS). [...] A coordenadora responsável pelo projeto de criação e oferecimento do curso em âmbito nacional é a professora da UFSC, Ronice Muller de Quadros. Ronice explica a importância dessa licenciatura: “A nova lei criou uma demanda grande por profissionais com essa graduação. Há vários anos, o MEC vem oferecendo capacitação para pessoas preferencialmente surdas que atuam como instrutores da Língua de Sinais sem a licenciatura. O objetivo do projeto é formar professores com essa graduação”. O número de surdos também é um fator relevante. Existem cerca de 170 mil surdos no Brasil, de acordo com o último censo realizado, no ano de 2000; 2007. (STROBEL, 2008, p.75).

Fiz parte da primeira turma do Letras/Libras, a formatura ocorreu no dia 26 de fevereiro de 2011 (Figura 1). Foi uma experiência inigualável, pude conhecer mais o mundo da minha primeira língua, a Língua de Sinais e a sua gramática. Carrego na mala uma vasta experiência para trabalhar com meus alunos. Além da Língua de Sinais presente no curso de Letras/Libras, conheci as histórias da comunidade surda e construí inúmeras aprendizagens. Recordo que, por ser a primeira turma, havia ainda muitas coisas para serem investigadas, hoje já temos mais surdos pesquisadores para produzirem conhecimentos que colaborem para uma melhor educação de surdos.

1.2.4 Movimento Escola Bilíngue para Surdos

Em 2011 presenciamos uma grande mobilização do movimento surdo, organizado em função da atual política de educação inclusiva promovida pelo Ministério da Educação. Houve grande resistência neste movimento, ou seja, a maior manifestação da história de educação de surdos do Brasil.

Um exemplo significativo de resistências nos movimentos surdos vem se dando no campo da educação. As discussões emergentes sobre a participação de surdos nas decisões educacionais das escolas, os movimentos em direção à ruptura com o que até então se denomina educação especial, procurando redefinir novos espaços, novos sujeitos, são alguns dos exemplos de saberes, fragmentados e descentrados, às vezes, mas que vêm a contrapor os saberes oficiais, instituídos e considerados até então como verdadeiros. (KLEIN, 1999, p. 88).

Um dos pontos mais nefrálgicos desse movimento foram as declarações da diretora de políticas educacionais especiais do MEC, Martinha Claret acerca da Cultura surda. Essas declarações causaram grande repercussão na comunidade surda e entre pesquisadores da área da lingüística e da educação de surdos. Segue as palavras da diretora:

Do ponto de vista da educação inclusiva, o MEC não acredita que a condição sensorial institua uma cultura. As pessoas surdas que estão na comunidade, na sociedade compõe a cultura brasileira. Nós entendemos que não existe Cultura surda e que esse é um princípio segregacionista. As pessoas não podem ser agrupadas nas escolas de surdos porque são surdos. Elas são diversas. Precisamos valorizar a diversidade humana (Martinha Claret, Diretora de Políticas educacionais especiais do MEC, Revista da Feneis n°40, p. 23).

Na nota de esclarecimento da FENEIS sobre a educação bilíngue para surdos, a atual Política de Educação Especial do MEC não atende à Convenção dos Direitos da Pessoa com Deficiência (Nova York, ONU 2012), particularmente no artigo 24, que prevê que os Estados membros devem garantir “o aprendizado da Língua de Sinais e promoção da identidade linguística da comunidade surda”; que “a educação de pessoas, em particular crianças cegas, surdo-cegos e surdas, seja ministrada nas línguas e nos modos e meios de comunicação mais adequados ao indivíduo e em ambientes que favoreçam ao máximo seu desenvolvimento acadêmico e social”. Tampouco obedece ao artigo 30, item 4, do mesmo documento que determina:

As pessoas com deficiência farão jus, em igualdade de oportunidades com as demais pessoas, a que sua identidade cultural e linguística específica sejam reconhecida e apoiada, incluindo as línguas de sinais e a cultura surda.

No que diz respeito a esse direito a atual política do MEC tem sido a de descuidos da especificidade lingüística e cultural dos surdos, em desrespeito não só à Convenção, mas também à Lei 10.436/2002 e ao decreto 5.626/2005.

Como líder da comunidade surda do Estado de Rio Grande do Sul, participei juntamente com outros líderes de outros Estados da organização da mobilização de Brasília. Na comunidade de organização tinham pessoas surdas e ouvintes de todo Brasil e surdos de outros países que apoiaram e contribuíram durante os meses de março, abril e maio de 2011. Para essa mobilização lançamos mão das redes sociais como importantes articuladoras do movimento “Organização de manifestações em defesa da Educação de Surdos”.

Para isso, *youtube, facebook, twitter, MSN*, se constituíram em espaços de lutas e de organização do movimento surdo. Para Pinheiro (2011 p. 34), “a Internet toma agora um lugar além das trocas ou encontros virtuais, sendo mais que isso é um lugar de produção de conhecimentos, culturas, identidades e resistências”.

Certamente a internet foi a grande ferramenta nesse movimento e nos futuros movimentos. As lideranças postavam nesses espaços vídeos em Língua de Sinais para divulgar e pedir colaborações, pois quando as

informações são transmitidas em sinais facilita mais a acessibilidade aos surdos. Também foram postados vídeos de pessoas ouvintes que apóiam a comunidade surda: atores, artistas, políticos, educadores, intérpretes de Libras, médicos. Ressalto aqui o relato de um o médico de São Paulo que postou no *youtube* a importância da educação bilíngüe para surdos, do depoimento da atriz Marieta Severo que relatou no vídeo que tem uma irmã surda e sabe que a educação bilíngüe é muito importante aos surdos e da artista Elke Maravilha que postou um vídeo animando o pessoal da organização e avisando que iria para Brasília apoiar o movimento. Conforme Ghon (2011) sobre a atualidade nos movimentos;

Na atualidade os principais movimentos sociais atuam por meio de redes sociais, locais, regionais, nacionais e internacionais ou transnacionais, e utilizam muito dos novos meios de comunicação e informação como a internet. (GHON, 2011, p.335 e 336).

A comunidade surda brasileira também recebeu apoio de surdos de fora do Brasil, um grupo de surdos de Israel fez uma foto com os surdos de lá carregando as bandeiras do Brasil e do seu país. Estados Unidos e França também apoiaram a idéia da manifestação. As organizações pelas redes sociais foram mais que uma ferramenta de comunicação para os movimentos surdos, elas se constituíram no próprio movimento. As redes sociais são recursos potentes e estão tornando-se cada vez mais indispensáveis para a organização das comunidades surdas, ou seja, considero que elas sejam uma das melhores maneiras de mobilização da comunidade surda. Inclui-se nisso, as estratégias de consumo e circulação dos bens culturais e educacionais das pessoas surdas, haja vista o investimento de empresas que ajudaram a custear a viagem de alguns surdos à Brasília, bem como na confecção de camisetas para serem exibidas na manifestação, com o slogan “Escola Bilíngüe para Surdos”. Houve, também, maioria dos Estados do Brasil, que se manifestaram a partir das imagens produzidas por artistas surdos e estampados em camisetas, dando visibilidade para as expressões culturais das comunidades surdas brasileiras.



Figura 2: Logomarca do movimento feito pelo surdo goiano Sérgio Junior Lopes.

Essas ações demonstram as formas como a Cultura surda vem sendo consumida e negociada, ou seja, a partir dos movimentos surdos vemos outras formas de entender o que vem sendo tomado enquanto Cultura surda. Como afirma Pinheiro (2011),

A Cultura surda é significada cotidianamente de forma a produzir identidades em sujeitos que experienciam o mundo visualmente por meio da Língua de Sinais. (...) consumo da Cultura surda como forma de demarcação de espaço e poder. São produções discursivas de resistência surda que promovem o consumo da Cultura surda para se reafirmarem como sujeitos culturais e serem assim representadas no campo político e educacional. (PINHEIRO, 2011, p. 30-31).

Voltando a tratar sobre a maior manifestação do movimento surdo em Brasília, essa manifestação aconteceu na Capital Federal, nos dias 19 e 20 de maio, foram mais de quatro mil pessoas entre surdos e ouvintes apresentando faixas com mensagens a favor de educação bilíngue, do respeito pela Língua de Sinais e pela Cultura surda. De acordo com Strobel (2012, p. 105), “cerca de quatro mil sujeitos, entre eles surdos e ouvintes, estiveram em Brasília, em maio de 2011, para lutar pelos seus direitos e conseguiram, ao menos, fazer serem vistos e ouvidos”.

Foram dois dias de manifestações na Capital Federal. No primeiro dia a manifestação foi em frente ao MEC, com muita gritaria, garra e luta dos

participantes. Logo depois, todos participantes do movimento foram ao Senado onde alguns senadores receberam o grupo de militantes e deram apoio às reivindicações do movimento, entre as principais delas: respeitar a Cultura surda e a institucionalização da escola bilíngue como o lugar da educação dos surdos. Pela noite os manifestantes acenderam velas em frente ao Palácio do Planalto para lembrar um pedaço da história dos surdos.

No segundo dia de manifestação houve passeata nas principais ruas de Brasília e um pequeno festival de Cultura surda próximo ao Palácio do Planalto. Nessa manifestação havia um carro elétrico onde os artistas surdos subiam para mostrar sua arte, usando um contexto de respeito à Cultura surda e a educação bilíngue. As lutas e reivindicações da militância surda que se movimentam a favor dessas causas, vêm aos poucos conquistando mais espaço, tornando visível e possível a existência de uma escola desejada pela comunidade surda. As pesquisadoras Quadros; Sutton-Spence (2006) ressaltam,

A identidade e a cultura das pessoas surdas são complexas, já que seus membros frequentemente vivem num ambiente bilíngue e multicultural. Por um lado, as pessoas surdas fazem parte de um grupo visual, de uma comunidade surda que pode se estender além da esfera nacional, no nível mundial. É uma comunidade que atravessa fronteiras. Por outro lado, eles fazem parte de uma sociedade nacional, com uma Língua de Sinais própria e com culturas partilhadas com pessoas ouvintes de seu país. (SUTTON-SPENCE, 2006, p. 111).

Concordo plenamente com as autoras Quadros e Sutton-Spence (2006), pois aqui no Brasil o nosso movimento surdo tem a influência das culturas regionais. Por exemplo, na manifestação em prol da “Educação Bilíngue” havia um grupo grande de surdos do Estado de Pernambuco, mas isso acontece em todos os lugares não somente aqui no Brasil. Eles se fantasiam com as cores da bandeira do estado e usaram frevos, um dos símbolos do folclore pernambucano. Já os surdos do Rio Grande do Sul desfilaram com chimarrão tomando água quente mesmo sob sol forte e muito calor. Isso é Cultura surda brasileira partilhada com as culturas regionais do Brasil. As autoras Karnopp, Klein e Lunardi-Lazzarin (2011), ao tratarem da noção de Cultura surda, afirmam:

Que os surdos brasileiros são membros de uma Cultura surda não significa que todas as pessoas surdas no mundo compartilhem a mesma cultura simplesmente porque elas não ouvem. Os surdos brasileiros são membros da Cultura surda brasileira da mesma forma que os surdos americanos são membros da Cultura surda norte-americana. Esses grupos usam línguas de sinais diferentes e possuem diferentes experiências de vida; no entanto, independentemente do local onde vivem, dos fatores que os identifica é a experiência visual. Isso não se relaciona as perspectivas compensatórias como usualmente são descritos os surdos: pela falta de sentido da audição, eles desenvolveriam o sentido visual. A Experiência visual está relacionada com a Cultura surda, representada pela Língua de Sinais, pelo modo diferente de ser, de se expressar e de conhecer o mundo. (KARNOPP, KLEIN E LUNARDI-LAZZARIN, 2011, p.19).

É no movimento surdo que emergiu os significados de cultura surda, com o movimento veio muitas pesquisas que foram aprofundadas para entender os efeitos da Cultura surda e isso deu a força para a existência da cultura surda. Segundo Gomes (2011),

Justamente pela história de lutas e resistências de comunidades surdas, essa forma de enunciação discursiva (saberes sujeitos) vem tomando mais força e autenticidade corroborando para o entendimento teórico da Cultura surda. (GOMES, 2011, p. 134).

A fim de defender a educação bilíngue para surdos veio a revogação do decreto nº 6571 em 17/11/2011 pela Presidente da República do Brasil Dilma Roussef. A partir desse decreto não será exigido que os surdos frequentem a escola regular, nem negado o apoio financeiro à escola de surdos, a luta foi para garantir a qualidade da educação nas escolas de surdos. Em artigo publicado na revista FENEIS (2012), a linguísta Tanya Felipe explica mais um pouco sobre o decreto revogado:

O Decreto nº7. 611 revogou o Decreto nº 6.571, de 2008, que tratava do “atendimento educacional especializado” numa perspectiva de apoio e complemento aos serviços de educação inclusiva e que impunha um único modelo educacional. Assim, atendendo às reivindicações dos atores sociais diretamente envolvidos, esse decreto permitiu alternativas educacionais que realmente possam atender às necessidades educacionais específicas, como vem acontecendo em outros países (FELIPE, 2012, p.27).

Depois da grande manifestação em Brasília, outro movimento que marcou as ações em defesa da educação de surdos, foi o projeto “Setembro Azul”. O projeto recebe esse nome, pois setembro é o mês em que se comemora o dia

do surdo e azul por ser a cor simbólica dos surdos. O projeto teve o objetivo de apresentar o movimento para as autoridades locais e regionais já que a grande manifestação foi realizada somente em Brasília. O projeto foi espalhado por todo o Brasil, cada estado preparou o seu evento. O Setembro Azul foi um grande sucesso, realizaram-se seminários, palestras, apresentações teatrais, passeatas, audiências públicas, exposições, festas etc. nos diversos estados brasileiros. Meses depois da mobilização intensa da Comunidade Surda, a Câmara Distrital de Brasília aprovou o projeto de Lei PL725/2012 que autoriza ao governo distrital a criação de uma Escola Bilíngue para Surdos, com a Língua de Sinais como primeira língua e a Língua Portuguesa, em sua modalidade escrita, como segunda língua. O projeto veio ser aprovado e sancionado no dia onze de janeiro de 2013, se constituindo na lei nº 5.016 que promulga a escola bilíngüe para surdos¹³. Podemos dizer que essas aprovações são um dos efeitos das reivindicações do Movimento Surdo e das lutas de pesquisadores envolvidos com as causas da educação de surdos.

Nos dias três a seis de dezembro de 2012 aconteceu a III Conferência Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência em Brasília. Essa conferência é um espaço em que participam as pessoas com deficiência como, deficiência física, deficiência intelectual, cegos, surdos e entre outras, para discutir várias propostas de políticas em busca dos direitos dessas pessoas. Na terceira edição da conferência estiveram presentes mais de três mil pessoas, quando os delegados votaram nas mais de 850 propostas. Dessa conferência resultou a aprovação da proposta de Educação Bilíngue e outras propostas relacionadas com os surdos. Abaixo o relato de uma líder surda de Pernambuco que esteve a frente da terceira conferência e nas votações.

Foram discutidos vários temas por área: educação, esporte, cultura, lazer, moradia, transporte, saúde, trabalho, reabilitação, Justiça e Segurança Pública... Esses temas foram discutidos em um grupos, eram muitos (sic) propostas, estava cansada de lendo-as,(sic) eram as propostas que foram aprovadas nos estados e levadas para a Nacional, foi preciso consertar e organizar o texto para melhorar-lhos (sic).Havia aproximadamente 45 surdos lá, isto é muito importante, porque nas Conferências anteriores havia poucos surdos, agora aumentou bastante. Foi muito bom, os surdos estiveram junto com os ouvintes compartilhando também com os intérpretes, todos unidos.

¹³ No dia onze de abril de 2013 foi inaugurada a primeira escola bilíngüe para surdos de Porto Velho, Rondônia/RO. Lei complementar nº 482.

Surdos se dividiram entre os grupos, mas a maioria foi para o grupo de educação para defender com mais força por causa do grupo contrário às escolas bilíngues para surdos e às escolas especiais das pessoas com deficiência intelectual e outras, esse grupo é radical e quer todas as pessoas dentro da escola inclusiva. Então nós nos unimos com o grupo defensor das escolas especiais para defendermos com força. Enfim foram aprovadas ambas: escolas bilíngues para surdos e as escolas especiais, também as escolas inclusivas continuam, pois as pessoas têm direito de escolher qual escola quer (sic), há a liberdade de escolher entre os vários modelos. Quando foi aprovada, nos ficamos muito felizes, pulamos muito, emocionados, porque já sofremos muito com a discriminação à comunidade surda, agora os surdos participaram firmes e fortes, foi importantíssimo. Também foram aprovadas outras propostas como: disciplina de Libras (L2) para ouvintes em todos os níveis da educação, pois ouvintes estudam inglês e espanhol, por que não estudar Libras?! Então já foi aprovada essa proposta; Outra proposta de adaptação das provas dos vestibulares, ENEM, DETRAN, Concursos para serem em Libras; Propostas de acessibilidade para trocar os TDD por Serviço de Intermediação por Vídeo-Conferência (SIV); várias outras propostas que incluem direitos dos surdos. (HORA, Mariana. Postado no *facebook* pessoal da autora. Acessado em 20 de dezembro de 2012).

Até o momento encontramos somente cinco escolas bilíngües que estão em funcionamento, fruto das conquistas do movimento surdo em prol da escola bilíngue, foco do movimento desde 2010. Ressalto que ainda temos escolas especiais voltadas para a educação de surdos no Brasil que foram implantadas anteriormente ao movimento em prol das escolas bilíngues e da lei que institui a política de inclusão educacional em todo país. Algumas dessas escolas “especiais” estão localizadas no RS, entre elas cito: Escola Helen Keller, de Caxias do Sul, Escola Concórdia, de Porto Alegre e Escola Reinaldo Cóser de Santa Maria. As cinco escolas bilíngues, fruto das conquistas do movimento surdo são: São Paulo – SP, Sumé – PB, Imperatriz – MA, Brasília – DF e Porto Velho- RO. Apenas para citar na cidade de São Paulo a Lei nº52.785, com 16 artigos, foi aprovada em 10/11/2011. No entanto citarei apenas o terceiro artigo onde fica claro o status das línguas da Escola Bilíngue para Surdos: Artigo nº3; A escola oferecerá a Língua Brasileira de Sinais – Libras como 1º língua e a língua portuguesa como segunda língua, na perspectiva da educação bilíngue. 1ºparágrafo: 1º. No modelo bilíngue, a Libras será considerada como língua de comunicação e de instrução e entendida como componente curricular que possibilite aos surdos o acesso ao conhecimento, a ampliação do uso social da língua nos diferentes contextos e

a reflexão sobre o funcionamento da língua e da linguagem em seus diferentes usos.

A Presidente Dilma Rousseff inaugurou a primeira escola de educação profissional e tecnológica bilíngue Libras/Português no Instituto Federal de Santa Catarina, Campus Palhoça no dia cinco de dezembro de 2012. É a primeira escola profissional bilíngue da América Latina.

1.3 Sujeitos, dados, entrevistas.

Para compor essa pesquisa foram realizadas três entrevistas informais com líderes surdos. As entrevistas foram realizadas durante o Festival Brasileiro de Cultura Surda em 2011. O Festival de Cultura surda foi realizado na Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, em Porto Alegre no mês de novembro de 2011. O referido festival fez parte das ações do Projeto de Pesquisa, Produção, Circulação e Consumo da Cultura surda Brasileira executado pelas Universidades Federais do Rio Grande do Sul – UFRGS, Santa Maria – UFSM e Pelotas – UFPEL com apoio do Ministério de Cultura/Capes, Projeto Procultura¹⁴ e teve como principal objetivo fazer um mapeamento de produções culturais de pessoas surdas no Brasil, dando direcionamentos investigativos a contextos onde se evidenciam essas produções (PINHEIRO, 2012, p. 21).

Durante o Festival circularam mais de 600 participantes entre surdos e ouvintes vindos de diferentes partes do Brasil e de outros países. Nesses dias foi possível conhecer as obras de artistas surdos e compartilhar experiências entre pesquisadores brasileiros e estrangeiros, ouvintes e surdos, por meio de palestras, seminários, rodas de conversas, oficinas, mini-cursos e

¹⁴ Programa Pró- Cultura do Ministério da Cultura (MIC), financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). O projeto, elaborado e coordenado pelas pesquisadoras Prof^a. Dra. Lodenir Karnopp, Prof^a. Dra. Márcia Lise Lunardi-Lazarin e Prof^a. Dra. Madalena Klein, O Grupo Interinstitucional de Pesquisa em Educação de Surdos (GIPES) contou com a participação de colaboradores no Festival da Cultura Surda destacando suas pesquisas vinculam-se a ações investigativas nas instituições do Rio Grande do Sul: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) e Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

apresentações. Além dessas trocas percebo que o festival potencializou o intercâmbio entre diferentes atores envolvidos na produção, circulação e consumo dos artefatos pertencentes à Cultura surda.

Foram nesse cenário culturalmente produtivo que tive a oportunidade de entrevistar algumas líderes surdas do Movimento Surdo Brasileiro, personagens que considero significativas para esse estudo. Para realizar as entrevistas conversei com elas informalmente, contei do meu projeto de mestrado e filmei-as no meio do público. Pedi para elas relatarem sobre os movimentos surdos nos dias de hoje e do passado e que apontassem as suas diferenças, caso existissem. Depois das filmagens tive oportunidade de receber sugestões das entrevistadas para o andamento do meu estudo de mestrado. A entrevista foi feita em Libras, a primeira língua das líderes surdas.

A ideia de fazer as entrevistas foi no sentido de entender de que forma as narrativas dessas líderes surdas pudessem compor as formas como o movimento surdo vem se articulando com o campo da educação de surdos na contemporaneidade. As entrevistas não tiveram o objetivo de construir um discurso verdadeiro, mas de tentar perceber o funcionamento dessas narrativas na minha pesquisa. A seguir trago alguns dados dos sujeitos entrevistados. Depois das filmagens, enviei uma pergunta para as três líderes para escreverem um pouco da sua liderança.

Líder 1: Trabalhou na diretoria da FENEIS por muitos anos. Fez doutorado em Educação na Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. Atualmente é professora de Letras/Libras presencial na UFSC e atua como coordenadora de Letras/Libras EAD. Abaixo o depoimento da líder 1 acerca da sua inserção no movimento surdo:

“Comecei a minha liderança com 15 anos quando entrei na associação dos surdos de Curitiba. Tornei-me parte da diretoria, em muitas épocas sendo secretária, ou conselheira, diretora social e até como presidente e depois entrei parte da diretoria da Feneis e assim fui participando em grupos de surdos nos movimentos e comissão de luta pelos direitos dos surdos até hoje. Estou com 50 anos agora e comecei com 15 anos. Por que lutei? Porque muitas vezes vejo que os surdos merecem coisas melhores e assim lutamos pelos direitos pelos nossos espaços. Acho o movimento surdo muito

importante, pois só assim ganharemos as leis, e nossos direitos garantidos. Acredito que hoje o movimento está mais forte por causa da tecnologia, comunicação pela internet, antes lembro que mandávamos cartas e demoravam as respostas e demorava mais para organizar as coisas”.

Líder 2: Compõem a Diretoria da FENEIS, é professora de Libras na Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC e possui Doutorado em Educação pela mesma instituição. Atualmente é professora das disciplinas de Libras na UFSC. Abaixo o depoimento da líder 2 acerca da sua inserção no movimento surdo:

“Comecei a conviver na Comunidade Surda aos 21 anos de idade, me inspirei na militância com os fortes líderes mineiros como o Antônio Abreu, Maria Regina Pais, Amauri Júnior, etc. minha preocupação maior era com a educação dos surdos por isso escolhi Pedagogia como uma profissão entremeada na militância e devido a esta atuação fui convidada como Diretora de Políticas Educacionais da FENEIS em 2009 e estou na segunda gestão. É um trabalho muito intenso, pois envolve vários líderes surdos e aliados ouvintes pelo Brasil todo na luta pelo melhor da nossa educação. Letras Libras ajudou nesta luta pois a maioria dos líderes são graduados deste curso. Enfim, é um movimento surdo dos mais fortes nesta atualidade em defesa das Escolas Bilíngues para Surdos”.

Líder 3: Trabalhou na diretoria da FENEIS por muitos anos. Fez mestrado em Linguística na Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. Professora Técnica Pedagógica com Mestrado em Linguística no CAS/MS, atua como Coordenadora do Projeto Índio Surdo no CAS/MS e é Orientadora do Projeto Família Bilíngüe do CEADA - Escola de Surdos do Mato Grosso do Sul. Abaixo o depoimento da líder 3 acerca da sua inserção no movimento surdo:

“Comecei minha liderança na Associação de Surdos de Mato Grosso do Sul, atuando na diretoria como apoio em 1984. Em 1985/86 participei das reuniões da CBDS, aprendi sobre movimento surdo com Antonio Campos de Abreu e 1987 até 2012 estive nos movimentos surdos junto com a Feneis Nacional. Sempre acreditei que sem movimento não há mudança, venho de uma família onde

os militantes surdos têm experiências com as políticas, desde anos 60 acompanhamos as políticas públicas. Somos 9 (nove) parentes surd@s em Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, atuamos em nossa maioria como professores surdos nos CAS/MS e CAS/MT. No Brasil é preciso ser organizado para conseguir algo para comunidade que luta. Temos varias comunidades surdas, assim somamos sempre para que a luta tenha uma frente. A frente escolhida é a Feneis que é mundialmente reconhecida por ser parceira em varias ações nacionais, como legislações da Libras, parceria em Cursos inovadores como Letras Libras junto a UFSC (Turmas 2006 e 2008) que foi reconhecido e passou de EaD para presencial, Intercâmbios internacionais e organizações de movimentos e lutas diversas em prol ao povo surdo. No passado era uma luta que os ouvintes fazia pelos surdos. Hoje os surdos fazem a luta pelos surdos junto, ou melhor, em parceria com os ouvintes. Pois existe mais usuários da Libras ouvintes que surdos, sendo assim é preciso aliar de forma positiva sem perder a cultura que acreditamos, nossa liderança surda tem saído das associações para o Palácio do Planalto carregando a nossa bandeira: Língua, Cultura e Direitos Sociais Surdos em todas áreas”.

Abaixo apresento alguns excertos do que foi narrado pelos entrevistados acerca do movimento surdo e das resistências surdas, durante o festival:

Líderes Surdos	Movimento Surdo Hoje	Relações dos movimentos surdos com o passado	Resistências de lutas Surdas
Líder 1	Os Surdos têm mais a consciência política. Foram os estudos que mudaram os surdos e mais independentes. Mais autonomia.	Havia muito ouvintismo. E antigamente lutava para ter espaço melhor no emprego. Os surdos não tinham muitas instruções. Os surdos eram considerados de coitados.	O Principal motivo de luta atual é as melhorias da educação. Os surdos graduados ajudam a ter consciência no movimento.
Líder 2	A maior revolução foi em 2011, luta pela educação bilíngüe.	Ouvintismo muito presente. Buscar uma acessibilidade melhor na vida do ser surdo.	O fechamento do INES “acordou” o povo surdo a lutarem para evitar o fechamento das outras escolas. O INES é uma grande referencia para os

			<i>surdos.</i>
<i>Líder 3</i>	<i>Muita transdisciplindade dos surdos. Hoje os Surdos tem autoconhecimento, se orgulham de pertencer à comunidade surda. Os surdos atualmente não aceitam a opressão.</i>	<i>Começou a participar do movimento surdo em 1987, mas tinha olhares totalmente diferentes. O Ser Surdo não conhecia a sua disciplina. Os ouvintes respondiam pelos surdos.</i>	<i>A contemporaneidade trouxe novos olhares de surdos, hoje em dia, os surdos conhecem a sua história, a história da sua cultura, da sua língua isso motiva a ter a consciência ao movimentar os surdos. Hoje existem pessoas surdas de grandes referências.</i>

Tabela 1: Movimento surdo e resistências surdas.

Após a qualificação do trabalho e a partir das considerações da banca percebi que poderia localizar o movimento surdo em dois momentos, ou seja, em dois focos de potência analítica. O primeiro momento centrado na emergência da luta pela oficialização da Língua de Sinais, na constituição de identidades surdas e o segundo nas estratégias de negociação da cultura surda no campo da educação.

Para potencializar essa analítica, procurei novamente as líderes surdas entrevistadas na ocasião do Festival da Cultura surda¹⁵, com o objetivo de refinar algumas questões e dados trazidos por elas durante aquela primeira conversa. Nesse segundo movimento de entrevista que aconteceu de forma online, mandei as seguintes perguntas por e-mail: Qual a relação entre movimento surdo e educação? Qual a importância das lutas pela oficialização da Libras e pelo reconhecimento da Cultura surda para o campo da educação de surdos? Aproveitei para explorar um pouco mais das suas experiências no movimento surdo. As entrevistadas mostraram outros discursos que articulados a determinadas épocas tiveram força de verdade, ou seja, há um refinamento

¹⁵ Essas entrevistas já haviam sido realizadas para a qualificação da proposta de dissertação de Mestrado

das narrativas das líderes surdas, a partir de outros significados produzidos pelos movimentos sociais. Segundo Hollanda (2012, p.2), “é a inserção das novas preocupações com o “discurso” da cidade, no quadro geral de uma atenção intensificada com a auto afirmação de expressões multiculturais”.

A autora explica que na contemporaneidade os discursos são formados a partir de um conjunto de enunciados que são legitimados pelas práticas culturais e que já houve, em outras épocas, discursos diferentes produzindo outras ações acerca dos movimentos sociais. As coisas mudam rapidamente e os movimentos têm os seus fenômenos. Há inúmeras práticas culturais nos movimentos, cada movimento elege seus significados culturais que balizam suas ações. O movimento surdo tem a sua cultura, mas há outras culturas presentes, por exemplo, a cultura negra e outras culturas que os sujeitos surdos têm para além da Cultura surda. Esses recortes identitários produzem aquilo que podemos nomear de múltiplas identidades. A seguir as respostas das entrevistas realizadas com as líderes surdas, por e-mail, após a qualificação:

Líderes Surdos	Qual a relação entre movimento surdo e educação?	Qual a importância das lutas pela oficialização da Libras e pelo reconhecimento da Cultura surda para o campo da educação de surdos?
<i>Líder 1</i>	Acredito que os movimentos surdos trouxeram muitas mudanças na educação dos surdos, em diferentes olhares e espaços.. Por exemplo é por causa dos movimentos surdos que tivemos mudanças de oralismo para comunicação total, a seguir bilinguismo e assim adiante...	É importante a oficialização da Libras e da Cultura surda porque somente assim a educação dos surdos tem uma boa qualidade no ensino, que os surdos aprendam de verdade e não do jeito como está hoje, que os surdos são forçadamente adaptados aos ouvintes em uma cultura incompatível a eles, acredito que a educação de hoje a maioria dos surdos encontram dificuldades de adaptação e problemas de subjetividades, porque estas escolas não compartilham suas identidades culturais, pois nestes espaços não estão preparados para receber surdos adequadamente. Percebemos que a

		<p>maioria dos surdos fica à mercê dos professores não fluentes em Libras e que desconhecem a Cultura surda e isto prejudica muito a aprendizagem. Então, acredito que na oficialização da Libras contribuiu muito para muitas melhorias no campo da educação de surdos, mas ainda há muito o que fazer, um passo de cada vez.</p>
<i>Líder 2</i>	<p>A educação é um campo político e militante, é nesta educação que movemos o nosso interior para a luta pela qualidade de ensino, eu sei o que é crescer no meio dos desiguais a mim, eu sei o que é crescer sem a Língua de Sinais, sem a Cultura surda, foi uma educação infeliz. Por isso o movimento surdo que luta pela educação das crianças surdas em gerações presentes e futuras.</p>	<p>Estas lutas são importantes, pois é na educação de surdos que são lançadas sementes de gerações surdas mais felizes, sem opressão e colonização, de acordo com a Declaração Universal dos Direitos Linguísticas, temos direito a comunidade linguística então é esse o sentido da nossa luta, pela preservação da Língua de Sinais, da Cultura surda no interior das comunidades surdas.</p>
<i>Líder 3</i>	<p>Movimento Surdo é um movimento organizado pelos jovens surdos hoje com apoio dos veteranos militantes, líderes surdos em prol da Libras e Educação de surdos no Brasil. A Educação de surdos é uma meta que vem sendo mais despertada pelos Mestres e Doutores Surdos, levantando a bandeira enquanto realiza o mestrado e doutorado, dando forças aos graduandos surdos em aliança com os ouvintes usuários da Libras e famílias bilíngues. A proposta da educação bilíngue não é novidade no Brasil, já é assunto abordado na educação indígena, apenas é um assunto novo para nosso povo surdo em descrever a política da educação bilíngue.</p>	<p>A política linguística acontece com o processo de debate e poder da língua usada no país, tem as línguas indígenas colocadas frente à constituição e a Libras que ainda falta conseguir um patamar maior. O processo jurídico para que seja implementada envolve além da política linguística. O reconhecimento da Cultura surda para o campo da educação de surdos deverá ser discutido em âmbito maior como Conselho Estadual e o Conselho Nacional de Educação.</p>

Tabela 2: Entrevistas com líderes surdas.

Entendo as narrativas dos líderes surdos como uma questão de narrar, contar, viver, reviver as experiências que tiveram nos movimentos surdos ou outras experiências articuladas com a educação de surdos. Essa forma de narrar se constitui como uma oportunidade para os líderes surdos serem exemplos para as crianças surdas e também para que continuem para as pesquisas. Como afirma a Vieira-Machado (2008, p. 217) “narrar, contar, viver, experienciar, todos esses verbos estão ligados, unidos [...]”.

CAPÍTULO 2 – HISTÓRIAS, POSSIBILIDADES E RESISTÊNCIAS DOS MOVIMENTOS SURDOS NA CONFLUÊNCIA COM A EDUCAÇÃO

A História do movimento surdo é muito extensa, mas podemos dizer que o movimento surdo iniciou-se depois do ano de 1834. Mottez (1992) confirma que 1834 é o ano de registro da história do movimento surdo:

Quero convidá-lo a registrar o ano de 1834 como uma das grandes datas da história dos surdos. Com primeiro banquete comemorando seu nascimento (1834) começa o culto ao Abade L'Épée. Para mim é a data de nascimento da nação surda. É o ano em que pela primeira vez os surdos-mudos se outorgam uma espécie de governo. Isto nunca havia acontecido. (MOTTEZ, 1992, p.7).

O abade L'Épée foi o fundador da primeira escola para surdos, essa estava localizada na França e denominada de Instituto Nacional de Surdos-Mudos de Paris. Essa instituição ajudou muitos surdos a mudar sua vida, inclusive a primeira escola para surdos aqui no Brasil, fundada por Eduard Huet, em 1857 no Rio de Janeiro e denominada de Imperial Instituto Nacional dos Surdos-Mudos¹⁶, teve como referência o Instituto de Surdos de Paris onde o Huet estudou. No entanto, percebe-se que a ênfase nas questões de uma comunicação visual/gestual perde força após o Congresso Internacional de Educação de Surdos realizado em Milão, na Itália. Esse congresso que ocorreu entre os dias 6 a 11 de setembro de 1880 foi organizado, patrocinado e conduzido por muitos especialistas ouvintistas¹⁷, todos defensores do Oralismo¹⁸.

¹⁶ Essa foi a primeira escola de Surdos no Brasil. Atualmente ela é denominada de INES Instituto Nacional de Educação de Surdos - Ines. No entanto, houve três mudanças de nomes da primeira escola para Surdos do Brasil: primeiro se chamava de Imperial Instituto dos Surdos Mudos (1857 a 1889), depois passou a chamar-se Instituto dos Surdos Mudos (1889 – 1902) e Instituto Nacional de Surdos-Mudos (1903-1957). INES é uma grande referência de pesquisa na educação de surdos e está vinculado ao MEC, Ministério da Educação do Governo Federal.

¹⁷ Entende-se por *ouvintismo* as formas de representar aos surdos por meio de referenciais ouvintes. Para Skliar (1998, p.15), “trata-se de um conjunto de representações dos ouvintes, a partir do qual o surdo está obrigado a olhar-se e a narrar-se como se fosse ouvinte. Além disso, é nesse olhar-se, e nesse narrar-se que acontecem as percepções do ser deficiente, do não ser ouvinte; percepções que legitimam as práticas terapêuticas habituais”.

¹⁸ Oralismo - É um método de ensino para surdos que prima pelo ensino da língua oral falada. Por muitos anos foi considerado o melhor método para a educação de surdos. Esse método foi legitimado pelo Congresso de Milão em 1880.

Segundo Wrigley (1996, p.71), “a política ouvintista prevaleceu historicamente dentro do modelo clínico e demonstra as táticas de atitude reparadora e corretiva da Surdez”. Conforme a Strobel (2012), sobre o congresso de Milão;

O ano 1880 simboliza o rompimento desse enriquecimento cultural e linguístico dos povos surdos, desencadeando mais força as batalhas polêmicas dos sujeitos adversários contra o povo surdo, que acreditavam na educação baseada em Língua de Sinais. Neste ano foi realizado um Congresso Internacional de Professores de Surdos, em Milão, na Itália, para discutir e avaliar a importância dos três métodos no ensino dos surdos: Língua de Sinais, oralista e mista (Língua de Sinais e o oral. (2012, p. 99).

Os participantes do referido congresso que eram constituídos por pessoas surdas, professores surdos, médicos e demais profissionais da área clínica, em sua maioria ouvintes, votaram pela implementação do método oralista para a educação de surdos, pois acreditavam que esse método era o mais adequado a ser adotado pelas escolas de surdos, sendo assim a Língua de Sinais foi proibida nas escolas. A partir deste momento os surdos fizeram diferentes manifestações de repúdio às decisões desse congresso, mas muitas vezes foram banalizados pelas pessoas que não conheciam a Cultura surda, mas principalmente não conheciam a capacidade do povo surdo. Foram 164 votos a favor do método oralista e cinco votos a favor da Língua de Sinais.

As discussões sobre a adoção do oralismo ou da Língua de Sinais nas instituições de educação de surdos se acaloraram e culminaram com a realização de um grande congresso, em 1880, o Congresso de Milão. Após esse congresso, quando foi condenada veementemente a utilização da Língua de Sinais, sob a alegação de que seu uso limitaria ou impediria a aprendizagem da língua oral, da qual dependeria o desenvolvimento cognitivo dos surdos, o oralismo passou a ser a metodologia mais utilizada nas escolas e instituições que atendiam surdos. (NEVES, 2011, p. 74).

Algumas pesquisas comprovam que havia muitos escritores surdos, artistas surdos, professores surdos, líderes surdos, militantes surdos e outros sujeitos surdos bem sucedidos antes da imposição da língua oral na vida das pessoas surdas, ou seja, o Congresso de Milão instituiu a partir de 1880 outras formas de entendermos a educação, a cultura e a vida das pessoas surdas.

Nomes como L'abbé Laveau (adjetivado no relatório como “estremadamente surdo”), Juan Massien (“Célebre surdo”), como também Laurent Clerc são constantemente citados nas diferentes narrações da história dos surdos, como alunos destacados do Instituto e que assumiram a direção e ou o ensino em escolas de surdos tanto em países da Europa quanto das Américas. Para o Brasil, veio E. Huet, em 1855 com a determinação de iniciar a educação de surdos nesse país. (KLEIN, 2003, p.42).

Com o livro *Vendo Vozes* de Oliver Sacks, pude conhecer mais um pouco a história da educação dos surdos antes do referido Congresso de Milão. Fiquei maravilhada com as histórias da comunidade surda que tínhamos antes do congresso, realmente havia surdos que eram referências como o surdo autor do livro *Observations*, Pierre Deslogem, de 1779. O escritor Olivier Sacks obteve colaborações de outros autores para investigar a história de educação de surdos entre eles cita Harlan Lane e Franklin Philip. Nessa obra de Sacks há o relato da existência de um numero grande de professores surdos:

Lane calcula que em 1869 havia 550 professores de surdos em todo o mundo e que 41% desses professores nos Estados Unidos eram, eles próprios, surdos. Em 1864, o Congresso aprovou uma lei autorizando a Columbia Institution for the Deaf and the Blind, em Washington, a transformar-se numa faculdade nacional para surdos-mudos, a primeira instituição de ensino superior especificamente para surdos. (SACKS, 1989, p. 32).

A primeira universidade somente para surdos foi fundada em 1857, Universidade Gallaudet, localizada em Washington nos Estados Unidos. É única universidade do mundo para pessoas surdas. A Universidade foi batizada de Gallaudet em homenagem ao fundador da primeira escola para surdos nos Estados Unidos com ajuda de professor francês surdo vindo de Paris, Laurent Clerc. Antes de fundar a primeira escola, Thomas Gallaudet conheceu uma menina surda e não parou de estudar sobre educação de surdos. Viajou para Europa com o objetivo de trazer a educação de surdos para América do Norte e, foi nessa viagem que conheceu o professor surdo Clerc. Esse por sua vez, havia sido aluno do abade L'Épée, fundador da primeira escola para surdos do mundo.

Depois do Congresso veio a proibição de usar a Língua de Sinais na educação, houve muitas revoltas, lutas, movimentos e foram necessários

muitos anos para reconquistar a Língua de Sinais nas escolas. Após o Congresso, a maioria dos países adotou rapidamente o método oral nas escolas e proibiu a Língua de Sinais. Ali começou uma longa e sofrida batalha do povo surdo para defender o seu direito lingüístico, com isso as associações dos surdos se uniram mais e os povos surdos lutaram para evitar a extinção da Língua de Sinais. Os principais motivos das manifestações da comunidade surda é a educação de surdos como cita Ladd (2003 Apud LADD, GONÇALVES), foram:

A Educação de crianças surdas foi umas das grandes prioridades da maioria das comunidades surdas ao redor do mundo por mais de 250 anos. Nos últimos cem anos, no entanto, esta preocupação aumentou por causa da crescente frustração e até mesmo desespero diante de má qualidade dessa educação. A responsabilidade por essa situação tem sido tradicionalmente atribuída à hegemonia do oralismo, que definimos como uma tentativa de se tirar da educação surda tudo o que é “surdo” – línguas de sinais, os educadores surdos, o contato da comunidade com pais e crianças, a história surda, os Estudos Surdos e as culturas surdas. LADD (2003 Apud LADD, GONÇALVES, 2011, p. 295).

A Língua de Sinais é o principal fator dos encontros das pessoas surdas. Nos anos 60 renasce a aceitação de Língua de Sinais e a Cultura surda após muitos anos de opressão ouvintista, daqueles que não conheciam o uso da Língua de Sinais na vida dos surdos, mas principalmente os médicos e as pessoas da área de saúde. O maior efeito das concepções ouvintistas é a centralidade do discurso clínico na educação de surdos. Segundo Perlin (1998),

Alguns ouvintes podem ficar ofendidos com a afirmação de que contribuem para ouvintizar o surdo, ou que se fala do vício de referir-se ao surdo como portador de anomalias e se reportem à exibição da experiência auditiva como superior em frente ao surdo. (PERLIN, 1998, p.58).

A citação da professora Perlin está muito presente nas pessoas ouvintes que não conhecem a cultura surda, ou melhor, a Língua de Sinais. Há surdos que não querem ter “ligação” com as pessoas ouvintes por causa do passado, mas vejo que hoje os surdos estão mais “à vontade” com as pessoas ouvintes, acho isso porque temos mais informações sobre de pessoas surdas. Muitas dessas informações partiram de pesquisadores ouvintes que ajudaram abrir

vários caminhos aos surdos. As pesquisas realizadas pelos membros do NUPPES e do GIPES, já citadas nesse estudo, são um exemplo dessa divulgação.

Temos novos objetivos, novas perspectivas e novos olhares. O movimento surdo atual passa por outras lutas políticas, talvez, não mais aquelas que mobilizaram a militância surda para a oficialização da Libras e do direito das pessoas surdas. Percebo também que essas outras formas do movimento surdo lutar e resistir, muitas vezes são entendidos por alguns surdos como um enfraquecimento da luta política do povo surdo, sem levar em conta que o *mundo surdo* é envolvido pelas pessoas surdas e ouvintes, aqueles que defendem os mesmos interesses. É possível notar que a luta por uma educação de qualidade as pessoas surdas articula o passado e o presente do movimento surdo, ou seja, a luta pela educação permanece há anos. Para Silva (1999, p. 29), “é compreensível que as pessoas envolvidas em revisar esses movimentos tendam a reivindicar a precedência para aqueles movimentos indicados em seu próprio País”.

A resistência clínica provocou a efervescência de movimentos políticos, sociais, históricos e linguísticos em defesa de Língua de Sinais. Participaram desses movimentos muitos ativistas surdos e também pessoas ouvintes ligadas diretamente com a luta surda. A perspectiva clínica também provocou diferentes representações nas relações entre surdos e ouvintes, talvez a principal delas seja a relação binária produzida entre surdos e ouvintes. Nessa lógica, estariam de um lado os ouvintes (opressores, colonialistas, oralistas) e de outro os surdos (subjugados, colonizados, ouvintizados).

Ressalto, mais uma vez, a hegemonia do método oralista no campo da educação de surdos como um dos principais motores para a organização política, social e histórica do movimento surdo organizado. Segundo Gohn (2011):

A relação movimento social e educação existem a partir das ações práticas de movimentos e grupos sociais. Ocorre de duas formas na interação dos movimentos em contato instituições educacionais, e no interior do próprio movimento social, dado o caráter educativo de suas ações. A relação movimento social e educação foram construídas a partir da atuação de novos atores que entravam na cena, sujeitos de novas ações coletivas que extrapolavam o âmbito da fábrica ou os locais de trabalho, atuando como moradores das periferias da cidade demandando ao poder público o atendimento de suas necessidades para sobreviver no mundo urbano. Os

movimentos tiveram papel educativo para os sujeitos que compunham. (GHON, 2011, p. 334).

Com as palavras da Maria da Glória Ghon pude pensar muito sobre os efeitos dos movimentos surdos. Penso que a educação de surdos está atrelada ao movimento surdo, pois quando começa um movimento surdo a escola de surdos, na maioria das vezes, está dentro desse movimento e essa vem colaborando muito nesse sentido. Nos últimos tempos o número de surdos em faculdades e universidades tem aumentado talvez esse seja um fator determinante para o crescimento de personalidades surdas dentro do movimento. Esses líderes estão cada vez mais determinados nos objetivos da comunidade surda, o que enfraquece muito a vertente do oralismo. Isso não significa que são somente os surdos acadêmicos que mudaram o movimento surdo, os grupos de pesquisas das universidades também impulsionaram mudanças, por exemplo, o GIPES – Grupo Interinstitucional de Pesquisa em Educação de Surdos. O grupo tem importantes pesquisadores surdos e ouvintes que constituíram grandes referenciais à comunidade surda.

Nesse contexto, temos a FENEIS que sempre está nas organizações dos movimentos surdos aqui do Brasil e pelo mundo. A FENEIS foi fundada nos anos 70 por ouvintes e era conhecida como FENEIDA – Federação Nacional de Educação e Integração do Deficiente Auditivo. No entanto em 1987 um grupo de surdos assumiu a direção da FENEIDA e mudou a sigla para FENEIS – Federação Nacional de Educação e Integração do Surdo. Souza (1998) explica a mudança de FENEIDA para FENEIS:

A apropriação dessa Federação pelos surdos é repleta de significados. Simboliza uma vitória contra os ouvintes que consideravam a eles, surdos, incapazes de opinar e dedicar sobre seus próprios assuntos e entre eles, sublinha o papel da linguagem de sinais na educação regular. Desnuda, ainda, uma mudança de perspectiva, ou de representação discursiva, a respeito de si próprios: ao alterarem a denominação “deficientes auditivos”, impressa na sigla FENEIDA, para “Surdos”, em FENEIS, deixam claro que recusavam a atributo estereotipado que normalmente os ouvintes ainda lhe conferem, isto é, o de serem “deficientes”. (SOUZA, 1998, p.91).

Entendo que as relações entre surdos e ouvintes são permeadas por jogos de poder e saber, no entanto penso que essas relações não ocorrem numa lógica binária entre o bem e o mal, mas como um poder que produz

significados. Nesse sentido me aproximo ao que Foucault (1996) diz sobre o poder:

O que faz com que o poder se mantenha e que seja aceito é simplesmente que ele não pesa só como uma força que diz não, mas que de fato ele permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso. Deve-se considerá-lo como uma rede produtiva que atravessa todo corpo social muito mais do que uma instância negativa que tem por função reprimir (FOUCAULT, 1996, p.8).

As lutas e reivindicações da militância surda que se movimentam a favor dessas causas vêm aos poucos conquistando mais espaço, tornando visível e possível a existência de uma escola desejada pela comunidade surda. As lutas da comunidade surda são para buscar o reconhecimento de sua diversidade cultural. Corroboro com a visão da pesquisadora surda Gladis Perlin sobre movimento surdo:

Para o movimento surdo, contam as instâncias que afirmam a busca do direito do indivíduo surdo ser diferente nas questões sociais, políticas e econômicas que envolvem o mundo do trabalho, da saúde da educação do bem-estar social (PERLIN, 1998, p.71).

A história das comunidades surdas do Brasil é muito rica e recheada de experiências de vida das pessoas surdas que presenciaram o movimento surdo desde seu início. A reunião dos surdos em comunidades como associações, federações, confederações e outras entidades como, igrejas, tiveram muitos objetivos, mas o principal deles foi o de defender a educação de surdos e da Língua de Sinais. Hoje em dia é mais fácil registrar as histórias do movimento surdo porque estamos na era tecnológica, possuímos instrumentos potentes de registro, como por exemplo, a câmera digital, o computador, as filmadoras, os vídeos, os celulares, os e-mails e as redes sociais que além de serem meios de circulação de informações também possibilitam o arquivamento das memórias por eles produzidas.

No entanto, temos poucos registros oficiais sobre o movimento surdo e a sua história, pelo fato de não haver métodos de registros que pudessem capturar a Língua de Sinais na época em que esses movimentos foram criados. Não perdemos de vista que o uso de filmadoras, máquinas digitais e DVDs são muito recentes nas pesquisas no campo da educação de surdos. A dissertação

de mestrado¹⁹ da professora Gisele Rangel ressalta que a tecnologia ajuda muito a encontrar os registros. São muitas histórias que os surdos contam e são passadas de gerações em gerações, no entanto, há um número grande de histórias contadas por surdos e ouvintes simpatizantes pela educação de surdos, que se perderam por não haver formas de registro. Rangel (2004) reforça que seria importante ter um museu com registros, fotos, recortes de jornais para manter a história “viva”:

A modernidade com sua tecnologia faz com que esses momentos registrados possam perdurar para sempre, porém de nada adianta ter o registro fotográfico se este ficar escondido ou pertencer a uma só pessoa. Penso, que para o surdo, que tem seu apoio para aprendizagem no aspecto visual além do gestual, seria de sua importância à coleta destas fotos e a organização de um museu, onde estaria registrada sua história para que todas as gerações futuras pudessem admirar, aprender e a conviver com a luta e as conquistas deste povo. (RANGEL, 2004, p.34).

Torna-se relevante para essa pesquisa retomar aqui os movimentos apresentados no início desse trabalho, a fim de mostrar a sua operacionalização nesse estudo: Educação de Surdos que queremos (1998), Oficialização de Libras – (2002), Criação de Letras/Libras (2006), Movimento de Escolas Bilíngües para Surdos (2011). Ressalto que entendo esses pontos como práticas discursivas que movimentam aquilo que entendemos como lutas e bandeiras das comunidades surdas brasileiras, ou seja, como importantes ferramentas de luta do movimento surdo e que teve efeitos na educação de surdos. Poupeau, (2007) afirma:

[...] estes movimentos transformam os meios em fins, o êxito é dado pelas conquistas, mas pelo número de participantes e seu impacto midiático na sociedade. O movimento torna-se dependente da opinião pública, pois é preciso que a sociedade manifeste o conhecimento da ação, precisa que se discuta e debata o que se está demandando, reclamando da ação ou denunciando, para que a ação coletiva venha atingir reconhecimento e legitimidade social. A mídia e sua cobertura tornam-se elementos estratégicos a essa configuração; ela contribui para a direção do movimento, pois o movimento social precisa de visibilidade. As críticas aos altermundialistas destacam que, entre os participantes, nos megaeventos, que detém de fato a fala são porta-vozes autorizadas, de certa forma já “profissionais na política”,

¹⁹ RANGEL, Gisele. *História do povo surdo em Porto Alegre imagens e sinais de uma trajetória cultural*. Dissertação de Mestrado em Educação – Universidade Federal de Rio Grande do Sul, 2004.

detentores de um capital militante onde a luta política se trava um combate de idéias e ideais, a questão simbólica é mais importante que os problemas concretos. O processo de transformação social adquire facetas proféticas, místico, sem objetivo definido. Os processos efetivos de dominação existentes não aparecem nos discursos. (Poupeau, 2007, p.47- 48).

A história das lutas e dos movimentos surdos articulados com a educação de Surdos tem caráter histórico, é processual, ocorre, portanto, dentro e fora de escolas, em outros espaços como, associações, internet, universidades. As lutas pela educação são envolvidas por direitos e fazem parte da construção da cidadania. As lutas, as manifestações, os movimentos, as reuniões, os encontros que fazem a história do movimento surdo são compartilhadas com a FENEIS, WDF – Word Federation of the Deaf, escolas, universidades, prefeituras, etc. que apoiam a ideia das lutas. Segundo a Revista da FENEIS (1995 p. 10), “os Movimentos Surdos podem ser entendidos como movimentos sociais articulados a partir de aspirações, reivindicações, lutas das pessoas surdas no sentido do reconhecimento de sua língua, de sua cultura”. Esses movimentos partem dos espaços articulados pelos surdos, como as associações, as cooperativas, os clubes onde jovens e adultos surdos estabelecem o intercâmbio cultural e linguístico e fazem o uso oficial de Língua de Sinais.

Ao entender o movimento surdo articulado a outros movimentos sociais podemos pensar o quanto esse movimento está conectado à contemporaneidade, pois estamos mais focados em preparar os líderes surdos, e criar condições para a militância surda. Hoje há vários cursos de liderança e as associações buscam os líderes surdos para serem representadas nesses movimentos. Encontros, seminários, conferências, simpósios etc. são uma das estratégias básicas para darem continuidade a história, ou seja, estar dentro da comunidade surda e buscar as atualizações necessárias.

Podemos perceber que cada época tem sua emergência de luta, por muito tempo, o movimento surdo se ocupou de mostrar a capacidade do surdo para o mundo do trabalho, buscando potencializar a profissionalização desses sujeitos. Klein (1999), em sua dissertação de mestrado²⁰ relata que viu uma

²⁰ KLEIN, Madalena. **A formação do surdo trabalhador: discursos sobre a surdez, a educação e o trabalhador**. Porto Alegre: UFRGS, 1999. Dissertação (Mestrado em Educação)

professora de surdos em uma reunião contando aos seus colegas que seu aluno surdo de onze anos repetia o ano consecutivamente e os questionou: “até quando a escola vai gastar com esse aluno?” e alguns colegas respondem “encaminha ao serviço social para dar um jeito! Talvez um trabalho”. Essa afirmação me fez pensar por um instante que ainda existem escolas de surdos que tratam os alunos como marionetes porque não deixam os alunos surdos fazerem suas escolhas profissionais, infelizmente ainda existe isso!

Como surda já passei por isso na escola em que estudava, havia professores que ajudavam a empregar os surdos e sempre tentaram me colocar nas fábricas, mas fui firme, sempre mostrei que queria trabalhar na educação de surdos. Mesmo com toda articulação das comunidades surdas e todo movimento de visibilidade de possibilidades de educação das pessoas surdas, não podemos negar que ainda há muitos surdos escondidos da sociedade pelas famílias nas colônias, lavouras, cidades pequenas. Entendo que as famílias escondem por não ter conhecimento sobre as pessoas surdas, mas também existem famílias que conhecem os surdos e mesmo assim não permitem que eles participem da Cultura surda, ou seja, não querem levar o filho surdo para cidade, para que ele possa ter acesso a um espaço, como a escola de surdos, para construir sua identidade surda.

Isso acaba tendo efeitos muito ruins na vida das pessoas surdas, pois não se permite que eles possam ser independentes, ter capacidade de escolha e muito mais do que isso, não dão a oportunidade aos surdos de conhecerem suas próprias capacidades. Antigamente existia uma lista de empregos ditos apropriadas para pessoas surdas, mas hoje em dia isso não existe, pois sabemos que os surdos podem escolher a sua profissão. É claro que nós surdos temos e conhecemos os nossos limites, mas sem exageros como havia no passado.

Em 1931 a jornalista e poeta Cecília Meirelles fez uma reportagem no Instituto Nacional de Educação de Surdos. Nessa reportagem ela ressaltou que os surdos eram bons trabalhadores manuais. Com o relato da Cecília Meirelles mostrou-se que os surdos só eram capazes de fazer trabalhos manuais. A

reportagem da Cecília Meirelles foi publicada na revista Espaço, em 1997. No início do século XX havia educação individualizada para os filhos de nobres com o objetivo de que esses filhos surdos pudessem cuidar dos bens da família e não havia preocupação com a formação para o trabalho.

Diante dessa gama de movimentos que se cruzam entre um passado remoto e as atuais discussões do movimento surdo, podemos pensar o quanto as resistências surdas, ainda incidem sobre a centralidade do direito do uso da Língua de Sinais. Um dos momentos importantes em que volta essa discussão na contemporaneidade, diz respeito às questões do Implante Coclear.

Antes os profissionais da área médica acreditavam que o uso do aparelho auditivo seria uma das melhores formas de desenvolver a fala nos sujeitos surdos, isso custou muito aos surdos e às pessoas que conheciam de fato os surdos e a sua educação. Atualmente a discussão acerca de fazer o surdo falar volta na figura do implante coclear.²¹ Atualmente o SUS – Sistema Único de Saúde incentiva as famílias a fazer o implante coclear nos filhos surdos ainda bebês, para isso os bebês recém-nascidos são obrigados a fazer o teste da orelhinha com objetivo de fazer o diagnóstico precoce e colocar implante coclear imediatamente. Isto traz muitas preocupações e reflexões à comunidade surda: se cada vez mais crianças surdas são implantadas como fica a escola de surdos? E a Língua de Sinais? Como vai ser o futuro deles e de nós surdos! Essas são questões provocantes e polêmicas, principalmente quando as articulamos com as lutas do movimento surdo: quantas coisas a comunidade surda lutou e quantas conquistas já tivemos no que diz respeito a obrigatoriedade da Língua de Sinais na educação das pessoas surdas. Ou melhor, no direito das pessoas surdas, de serem surdas. Segundo Rezende (2010),

É uma saúde pública, é uma política estratégica que faz uso do teste da orelhinha para controlar a ordem social, à norma ouvinte. É assim que surge uma política pública de saúde direcionada à surdez, que regula a vida da população surda. É um biopoder; uma captura de bebês surdos para a normalização. O teste da orelhinha tem o claro propósito de capturar os bebês surdos para o implante coclear. (REZENDE, 2010, p. 125).

²¹ O tema do implante coclear foi discutido na Tese de Doutorado da pesquisadora surda Patrícia Luiza Ferreira Rezende intitulada: ***“Implante coclear na constituição dos sujeitos surdos”***. Florianópolis: UFSC, 2010.

Mas por outro lado, o teste da orelhinha pode servir até para encaminhamento precoce à aquisição de Língua de Sinais. O teste da orelhinha foi uma reivindicação também da Comunidade Surda. Com os resultados deste teste pode-se iniciar precocemente o processo de aquisição da Língua de Sinais. A busca da normalização dos surdos sempre esteve presente nos diferentes momentos históricos da educação dos surdos, posso dizer que em cada época essas práticas tomam os contornos do seu tempo. Eu não presenciei os tempos em que os surdos eram obrigados a falar e, por isso, tinham suas mãos amarradas, mas vi milhares de conversas e falas passadas pelas gerações de surdos que eram forçados a aprender a falar, que não podiam usar a Língua de Sinais porque essa língua era considerada prejudicial à fala.

Muitos surdos usavam os sinais escondidos da família e dos professores. Na minha geração, década de 1980, ainda se acreditava que os aparelhos auditivos fariam milagres e as aulas de fonoaudiologia eram importantes estratégias nessa busca pela oralização, por meio do ensino da leitura labial. No entanto, não posso dizer que éramos forçados a oralizar na escola, pois usávamos a Língua de Sinais em todos os momentos formais e informais da aprendizagem, porém destaco que a leitura labial sempre acompanhava os sinais quando estávamos junto de pessoas ouvintes, isso ocorreu até a década de noventa.

Atualmente estamos vivendo o momento da educação bilíngue. Penso que já avançamos muito no que se refere às práticas de normalização dos surdos por meio da oralização, no entanto essas práticas se refinam, tomam outros contornos, talvez uma das mais imponentes nesse momento seja a do implante coclear. Há muitos estudos e pesquisas que já mostraram a importância do acesso à Língua de Sinais o mais precocemente possível para que as crianças surdas possam se desenvolver de forma mais saudável, por isso que, para mim, negar esse acesso, significa uma das formas mais perversas de normalização do surdo. A partir da minha experiência de vida e enquanto professora de surdos, entendo que uma criança surda aprende melhor a escrever e a se desenvolver quando tiver a Língua de Sinais como

primeira língua. Sabemos que é uma utopia fugirmos das práticas de normalização, mas podemos apresentar outras estratégias, talvez menos agressivas, como é o caso da Língua de Sinais um elemento vital para a vida do povo surdo. Para Lunardi-Lazzarin (2010), essa busca pela normalidade é que acaba traçando os processos de in/exclusão na vida das pessoas surdas.

Talvez seja justamente essa “vida de normalidade” que fixa a anormalidade – assim, a exclusão. É na separação e na diferenciação dos discursos da educação que o binômio inclusão/exclusão opera como um (de) marcador de normalidades, pois ocorre através de uma relação assimétrica. (LUNARDI-LAZZARIN, 2010, p.145).

São vários discursos sobre normalização de surdos, no entanto, procuro pensar de que forma esses discursos atravessam a educação e o próprio movimento surdo. Nesse contexto, ousou afirmar que a relação entre os movimentos surdos e o campo educacional é extremamente forte e produtivo. Se tomarmos as atuais formas como o movimento surdo vem adentrando nas escolas de surdos, podemos pensar o quanto esse movimento também se constitui como uma forma de pedagogia cultural. Segundo os autores Costa, Silveira e Sommer (2003):

Quer dizer, somos também educados por imagens, filmes, textos escritos, pela propaganda, pelas charges, pelos jornais e pela televisão, seja onde for que estes artefatos se exponham. Particulares visões do mundo, de gênero, de sexualidade, de cidadania entram em nossas vidas diariamente. É a isto que nos referimos quando usamos as expressões currículo cultural e pedagogia da mídia. Currículo cultural diz respeito às representações de mundo, de sociedade, do eu, que a mídia e outras maquinarias produzem e colocam em circulação, o conjunto de saberes, valores, formas de ver e de conhecer que está sendo ensinado por elas. Pedagogia da mídia refere-se à prática cultural que vem sendo problematizada para ressaltar essa dimensão formativa dos artefatos de comunicação e informação na vida contemporânea, com efeitos na política cultural que ultrapassam e/ou produzem as barreiras de classe, gênero sexual, moda de vida, etnia e tantas outras (COSTA, SILVEIRA e SOMMER, 2003, p.57).

Relacionar o movimento surdo com as questões contemporâneas significa pensá-lo na articulação com a escola de surdos. Para Camatti e Lunardi-Lazzarin (2012, p. 390), “trata-se de procurar as formas pelas qual a comunidade surda investe na escola de surdos, no sentido de garantir a continuidade e a força da própria comunidade”. Isso significa a necessidade

permanente de articulação entre a escola de surdos e os movimentos surdos a fim de garantir o lugar do sentimento comunitário, portanto, de lutas e resistências.

CAPÍTULO 3 – MOVIMENTOS SURDOS E AS ESTRATÉGIAS DE RECONHECIMENTO DA LÍNGUA DE SINAIS: A PRODUÇÃO DAS IDENTIDADES SURDAS

(...) a produção de identidades surdas está atravessada pelas diferentes representações que se constituem e se reformulam dentro de sua própria cultura. (PINHEIRO, 2011, p. 33).

Nesse capítulo procuro pensar nas relações que se estabelecem entre os movimentos surdos e a oficialização da Língua de Sinais. Por meio da análise dos materiais coletados para essa pesquisa, percebi que as ações e práticas dos movimentos surdos com a educação tiveram seus esforços voltados para a luta do reconhecimento de uma identidade para os surdos. Era preciso que esses sujeitos fossem percebidos como uma minoria linguística, por isso a ênfase da luta dos movimentos estava na oficialização da Língua de Sinais.

As principais ações dos primeiros movimentos surdos se davam nos encontros presenciais como, nas escolas, nas associações, nas igrejas, nas universidades e até nas praças. Tinha muita presença de pais de surdos e professores nesses encontros. As manifestações realizadas se davam de outras formas, diferentemente de como se dão hoje. Havia um empoderamento dos discursos ouvintes, em especial do campo da educação, que legitimavam algumas práticas *ouvintistas*.

Este fato mostra o quanto o movimento surdo não estava isolado ou isento das representações que conduziam as práticas educacionais voltadas aos surdos. Ou seja, ele se conduziu e se afirmou a partir das inúmeras lutas em prol de uma educação de qualidade às crianças surdas.

Um dos elementos importantes dessa luta por um território linguisticamente qualificado para os surdos nos remete a história da criação do INES²² – Instituto Nacional de Educação de Surdos - como a primeira escola de surdos do Brasil localizada no Rio de Janeiro. Talvez, o resgate dessa história nesse momento político/cultural ocorra em função do lugar que essa instituição ocupa nessa história, ou seja, o INES se constitui como uma das principais referências da educação de surdos no Brasil. Uma das passagens contadas no

²² Instituto Nacional de Educação de Surdos foi fundado no Rio de Janeiro, no dia 26 de setembro de 1857, pelo professor surdo Eduard Huet de Paris/ França, a pedido do imperador Dom Pedro II. Esse instituto foi pioneiro no Brasil e se constitui em uma referência nacional e internacional até os dias de hoje. Por muitos anos o Ines foi um internato, o professor Huet ficava sob a vigilância nos meninos e a sua esposa Sra. Huet cuidava das meninas.

encontro em Brasília foi da época em que o instituto começou a adotar o método oral como forma de comunicação nas aulas e no internato. Como os surdos passavam a maior parte do tempo nessa escola e não podiam comunicar-se em sinais, durante a noite nos quartos acendiam as velas para facilitar a visualização dos sinais e poder se comunicar de forma mais eficiente. As velas além de ajudarem na visualização dos sinais não chamavam a atenção dos professores e supervisores do internato. Utilizo um relato de uma professora surda que esteve presente no curso de formação de instrutores de Libras em 2001²³, onde houve um compromisso para começar o processo da oficialização de Libras.

A professora e mestre surda Flaviane Reis da Universidade Federal de Uberlândia relata que em 2001 houve uma formação dos instrutores e agentes multiplicadores em Brasília. O presidente da FENEIS na época, Antônio Mário, também surdo, esteve em uma reunião com MEC onde foi reconhecida a importância dos instrutores de Libras. Após esse reconhecimento por meio da criação de um Curso de formação de instrutores de Libras o presidente da FENEIS assinou um termo de compromisso para começar o processo da oficialização da Lei de Libras. Isso ocorreu no ano seguinte com a aprovação e oficialização da lei de Libras pelo presidente Luis Inácio Lula da Silva.

O movimento surdo está inserido no contexto sociocultural e é essencial para constituir o sujeito de identidade. O movimento surdo articulado com a educação de surdos merecia mais registros nessa história, pois ainda faltam pesquisas que relatem essas experiências. Podemos perceber que os movimentos surdos se encontram com as políticas sociais mais amplas, em especial quando se articulam às redes sociais. Conforme GHON (2008, p. 445), “nas ciências sociais, o uso de redes sociais também é antigo, embora tenha sido revigorado nos últimos tempos como instrumento de análise e articulação de políticas sociais”.

A participação dos sujeitos surdos no movimento surdo aumenta a articulação com as comunidades surdas porque é assim que se estabelecem os intercâmbios linguísticos e se renovam as lutas, portanto os movimentos de resistências. Klein e Lunardi (2006) ressaltam sobre o compartilhamento da Língua de Sinais na comunidade surda,

²³ Formação dos instrutores de Língua Brasileira de Sinais e agentes multiplicadores em Brasília.

Após décadas de discursos e práticas institucionais de patologização, reabilitação e normalização, movimentos de resistência foram se constituindo a partir de sujeitos surdos que tinham a necessidade de encontrar elementos que pudessem aproxima-los em comunidade onde compartilhassem a mesma língua e traços culturais comuns. (KLEIN E LUNARDI 2006, p. 16).

A partir do enunciado “O Ser Surdo não conhecia a sua disciplina”, expressado por uma das líderes entrevistadas na pesquisa, pude entender que no passado o surdo não conhecia a sua própria identidade, pois não existiam pesquisas que abordassem a importância da aquisição das identidades surdas nas escolas de surdos ou nas comunidades surdas. Antigamente as escolas não sabiam que os surdos poderiam ter a sua identidade, isto é, as escolas tinham objetivo de tornar o ser surdo em um ser ouvinte, apesar do surdo não ter a possibilidade de escutar. O ato de “normalizar” estava vinculado somente ao ensino da oralização, não havia uma preocupação em ajudar aos surdos a se reconhecerem enquanto sujeitos de uma cultura e de uma língua visual, conhecendo as potencialidades dessa língua. Com o interesse dessa temática por parte dos pesquisadores surdos e ouvintes os surdos começaram a conhecer a si mesmo, os seus limites, os seus direitos, a sua língua. Acredito que no momento em que o surdo se reconhece enquanto sujeito de uma língua e de uma cultura, fortalece sua relação com o meio. Segundo Hall (2011, p. 11), “a identidade é uma interação entre eu e a sociedade”.

Nessa colocação de Hall, podemos visualizar a recorrência em que os surdos eram narrados e representados como sujeitos deficientes pela sociedade, haja vista que na maioria das vezes, essa “identidade formada na interação entre o eu e a sociedade”, no caso dos surdos, era sempre mediada pelos ouvintes, ou seja, pelos familiares e professores desses sujeitos. Há surdos que se questionam: quem sou eu? Com quem eu pareço? Quem é igual a mim? Sou diferente? Isso significa que quando um surdo encontra um grupo de surdos que compartilham significados do mundo visual, vai descobrir as semelhanças, a sua cultura, a sua língua e construir uma identidade conforme a comunidade surda local. Vale ressaltar que os surdos não adquirem as mesmas identidades, pois temos vários tipos de identidade, isso depende do local que vivemos da escola que estudamos, da família que viemos.

Identities surdas no plural por serem múltiplas. A identidade não é presa a um modelo único, indivisível; pelo contrário, a diversidade dos indivíduos existentes na esfera social predispõe a uma variedade de identidades decorrentes dessas trocas sociais e escolhas pessoais. Identidades surdas são o como o ar que sacode as folhas de árvores. (ROSA, 2012, p. 21-22).

Mencionei anteriormente que as identidades surdas dependem da sociedade local, pois em todos os lugares há maneiras de agir e de viver. Isso também está relacionado com a vida das pessoas surdas, pois algumas por terem acesso precocemente a escola de surdos, são expostas as questões da Língua de Sinais e da Cultura Surda. Na maioria dessas escolas mostra-se a importância do uso da Língua de Sinais, principal fator do crescimento da vida escolar do surdo e com isso, dão a oportunidade do surdo conhecer outros surdos.

Nesse sentido, há negociação da Língua de Sinais com aluno surdo na escola, objetivos são negociados e aos poucos os alunos surdos começam a ter sua identidade. Alguns surdos estudam nas escolas regulares e tem a sua identidade, alguns chegam a conhecer os surdos que estudaram nas escolas de surdos e começam a querer a ter as identidades surdas e alguns entram em conflito porque há aspectos que são totalmente distantes das pessoas ouvintes, por exemplo, a Língua de Sinais é muito diferente da língua português. A maioria dos surdos tem pais e irmãos ouvintes, a maior parte da família é ouvinte, esses surdos têm uma identidade momentânea e é possível viver bem assim, não é necessário ter somente uma identidade. Para Rosa (2012),

Muitos surdos de caminham nos dois mundos – o ouvinte e o surdo – cresceram em famílias ouvintes e possuem contato com comunidade surda. Esse surdo possui uma identidade momentânea. O surdo vivente nas duas culturas tenta conciliar duas línguas, dois mundos. Ore ele age segundo a Cultura Surda, ora como a cultura ouvinte. É uma identidade a ser fortalecida, ou ainda fortalecida visto que este sujeito surdo tem consciência da Cultura Surda e se posiciona no contexto que presencia. (ROSA, 2012, p., 23).

Aqueles surdos que estudaram na escola regular e que estabelecem relações com a comunidade surda se apropriam da Língua de Sinais e começam a entender o ser surdo, tornando-se mais independentes a partir do

uso da Língua de Sinais. A Língua de Sinais abre vários caminhos para os surdos e permite que as diferentes identidades desses sujeitos movimentem-se conforme sua opção de vida. Não podemos afirmar que o surdo que estudou em uma escola de surdos é mais surdo que outro, ou que possui uma identidade pura. Não há identidades puras ou a essência de uma identidade, pelo contrário, as identidades mudam de sujeito para sujeito, de momento para momento e não são sempre as mesmas, ou seja, não há identidades fixas.

A Língua de Sinais tem a sua importância na educação de surdos e na vida do surdo também, é imprescindível lembrar que a Língua de Sinais abre os caminhos e dá oportunidade aos surdos conhecerem a sua cultura. Nem todos surdos aceitam conviver com os surdos, alguns negam as identidades surdas, as questões culturais e do empoderamento da comunidade surda porque não as conhecem.

O surdo como membro de uma sociedade, vive relações de poderes que, muitas vezes, os subjugam, como grupo cultural, a uma subalternidade. E, nem sempre, nesses lugares, ele consegue sentir-se como surdo e ver os seus companheiros como modelos surdos. (PERLIN, 1998, p. 37).

Nesse sentido, posso considerar que o surdo que vive na comunidade surda conhece as suas lutas, por isso é possível que ele assuma alguma posição de liderança, lutando por melhorias na vida desses sujeitos, ou seja, há determinadas posições que os sujeitos surdos assumem nessa comunidade. A comunidade surda tem histórias que são longas de contar e que muitas vezes mostram o quanto os surdos sempre lutaram em busca de melhorias para sua educação. Desde a proibição do uso de Língua de Sinais, legitimada no Congresso de Milão em 1880, a comunidade surda está na luta pelo direito do seu uso. Aqui no Brasil tivemos inúmeras lutas, algumas marcantes e outras nem tanto, mas um dos principais motivos que ainda faz com que os movimentos surdos se mobilizem é pela preservação do direito da Língua de Sinais como a primeira língua dos surdos. É fundamental o surdo conhecer a sua língua, pois através dela é possível partilhar experiências de vida com a comunidade surda e outras comunidades também.

Na linguagem do senso comum, a identificação é construída a partir do reconhecimento de alguma origem comum, ou de características

que são partilhadas com outros grupos ou pessoas, ou ainda a partir de um mesmo ideal. (HALL, 2012, p. 106).

A Língua de Sinais é um dos bens mais preciosos das comunidades surdas. Através dela é possível estabelecer uma comunicação sem barreiras. Eu, enquanto surda, compartilhei dessa experiência, estudei em uma escola de surdos desde criança e percebi como é valiosa a aprendizagem através da Língua de Sinais. Atualmente a Língua de Sinais é conhecida por muitos, inclusive a sociedade está mais receptiva com as pessoas surdas. As empresas contratam funcionários surdos e pessoas ouvintes tem interesse em aprender a Língua de Sinais. A Língua de Sinais é um fator muito importante na Cultura Surda.

A Cultura Surda tem na sua Língua de Sinais mais forte conotação de identidade. Os surdos se reconhecem e são reconhecidos pelas suas línguas de sinais. Diferentes entre si, correspondendo aos diversos países em quais pertencem, elas constituem um fator poderoso de identificação entre as muitas culturas surdas por sua modalidade espaço-visual (CAMPOS e STUMPF, 2012, p. 177).

A comunidade surda se esforça para buscar novos espaços de felicidade e poder desfrutar tudo o que lutamos até hoje. A Libras foi oficializada há 10 anos, mas há lugares que não respeitam ainda a Língua de Sinais e por isso as lutas continuam no campo de educação de surdos. Bauman (2009, p.38) argumenta que

Numa sociedade assim, a vulnerabilidade também é (ao menos potencialmente) universal, assim como a da tentação do estar a frente, à qual se relaciona intimamente, reflete a insolúvel contradição interna de uma sociedade que estabelece para todos os membros um padrão de felicidade que a maioria desses todos é incapaz ou impedida de alcançar. (BAUMAN, 2009, p.38).

Aqui no Brasil ainda contamos com mais de uma Língua de Sinais, ou seja, além da Libras, existe Língua de Sinais Kaapor²⁴. No entanto, essa Língua de Sinais dos surdos indígenas brasileiros não é reconhecida por lei, sendo legitimada apenas pelos livros, sites e pesquisas. Conforme Vilhalva

²⁴ Língua de Sinais Kaapor é uma Língua de Sinais usada pelos índios brasileiros conhecidos como índios urubu-kaapores. Pesquisadora surda escreve livro sobre **Índios Surdos: Mapeamento das línguas de sinais do Mato Grosso do Sul. 2012.**

(2012, p.33). “Contamos ainda no Brasil com duas Línguas de Sinais: a Língua Brasileira de Sinais e a Língua de Sinais Kaapor, da qual apenas há referência de existência em livros e sites” .

Mesmo reconhecendo a oficialização da Língua de Sinais brasileira, pode-se perceber o quanto o movimento surdo continua lutando pela legitimação dessa língua no contexto da educação dos sujeitos surdos. Isso fica evidente na luta pelas escolas bilíngües.

Dos dias 04 a 8 de julho de 2012 ocorreu em Nova York, a reunião da Cúpula Ministerial Anual do Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social da ONU. A Aliança Internacional das Pessoas com Deficiências (IDA) defende as escolas bilíngües para surdos e reconhece as escolas de surdos, que trabalham com a educação bilíngüe. E um dos artigos da convenção dos Direitos das Pessoas com Deficiência, que trata da Educação menciona que: As crianças surdas precisam ser incluídas primeiramente através da língua e da cultura mais apropriada antes de ser incluídas nas diferentes áreas da vida em estágios posteriores, por exemplo, no ensino médio e superior, bem como na vida profissional.

O Programa de Avaliação Nacional do Desenvolvimento da Linguagem do Surdo Brasileiro (PANDESB, 1999 a 2011), é um programa que procura avaliar o desenvolvimento escolar cognitivo e linguístico de uma população escolar surda. O referido programa é financiado pelo CNPQ, Capes e INEP. Segundo Capovilla (2011) o programa examinou:

9.200 estudantes surdos brasileiros do primeiro ano do ensino fundamental até o ensino superior, de 15 Estados Brasileiros. Cada um dos 9.200 estudantes surdos foi examinado durante 26 horas em diversas baterias de testes standardizadas, que avaliam diversas competências como leitura alfabética e orofacial, compreensão de leitura de textos, vocabulário de escrita e qualidade ortográfica da escrita, vocabulário em Libras e português, memória de trabalho entre outros (CAPOVILLA, 2011, p. 86 e 87).

O PANDESB mostra o resultado daquilo que pesquisas há muito tempo já afirmam acerca da importância da Língua de Sinais no desenvolvimento dos alunos surdos, ou seja, mostra que as estratégias utilizadas pelos alunos surdos em escolas bilíngües potencializam a aprendizagem e adquirem reconhecimentos linguísticos melhor do que estudar numa escola comum, onde

apenas uma das línguas é reconhecida, no caso a língua portuguesa. Para Capovilla (2011) os alunos surdos aprendem melhor na escola bilíngüe

os estudantes surdos aprendem mais e melhor em escolas bilíngües (escolas especiais que ensinam em Libras e Português) do que em escolas monolíngües (escolas comuns que ensinam em português apenas)(...) competências como decodificação de palavras e reconhecimento de palavras, compreensão de leituras de textos, vocabulário em Libras, dentre outras, foram significativamente superiores em escolas bilíngües do que em escolas comuns (CAPOVILLA, 2011, s/p).

Durante a manifestação organizada pela comunidade surda que objetivou defender a educação bilíngüe para surdos em Brasília no ano de 2011, Ana Luiza de nove anos, fez um depoimento tão emocionante. Embora pareça ser tão pequena se mostrou uma menina muito madura. Ela disse através da Língua de Sinais: “por favor não inclusão porque não tenho amigos surdos e os colegas ouvintes ficam rindo de mim parece (...)”. A fala de Ana Luiza emocionou muito os manifestantes que estavam presentes, esse depoimento mostrou o que está acontecendo, a importância de ter Língua de Sinais na escola e colegas surdos. Já nas escolas regulares que tem somente um aluno surdo podem gerar problemas e desconfortos como a falta de vínculo entre professores regentes e alunos surdos; interpretes que assumem papéis de professores; aluno surdo isolado, portanto excluído do cotidiano da sala de aula.

As crianças surdas devem ter a oportunidade de usar a Língua de Sinais desde cedo e conhecer a riqueza dessa língua, crianças surdas na mesma sala trazem muitos benefícios, como aquisição de linguagem da primeira língua e uma educação adequada com professores preparados para trabalhar com alunos surdos e professores surdos também. Independentemente do nível da surdez da criança é importante que a mesma tenha direito a estudar em escolas bilíngües, Grosjean (2001) argumenta que:

Cada criança surda, independentemente do nível de perda auditiva, deve ter o direito a crescer sendo bilíngüe. Sabendo usar tanto uma Língua de Sinais quanto uma língua oral (por escrito e, se possível, em sua modalidade falada), a criança atingirá sua completa capacidade cognitiva, lingüística e social. (GROSJEAN, 2011, p.110).

Com a educação bilíngue os alunos surdos poderão estar capacitados a se comunicar em ambas as línguas e isso proporciona uma comunicação mais flexível. Nas comemorações dos dez anos da lei oficializada no dia 22 de abril de 2012 em Brasília, a surda Ana Luiza retorna ao plenário pedindo não à inclusão e exige os direitos de educação bilíngue às crianças surdas e alunos surdos. Apresento mais uma vez aqui os direitos das crianças surdas.

Os direitos das crianças surdas à sua Língua de Sinais natural e nativa é apoiado pelo artigo 30 da Convenção sobre Direitos da Criança (Unicef, 2008), e bem como pela Declaração Universal dos Direitos Lingüísticos e pela Declaração sobre os Direitos das Pessoas Pertencentes a Minorias Nacionais ou Étnicas, Religiosas e Lingüísticas (SIEGEL, 2008). Os Direitos humanos lingüísticos dos surdos é uma questão central do trabalho da Federação Mundial dos Surdos (HAUALAND. ALLEN, 2009 apud GARCIA, 2011, p., 223).

Todas as crianças têm direito de receber a educação, mas as crianças surdas merecem uma atenção maior porque essas crianças têm o direito de adquirir duas línguas, exigindo uma educação mais ampla. Primeiro as crianças surdas devem aprender a Língua de Sinais e depois a língua portuguesa na modalidade escrita, isso se chama educação bilíngue. Reforço novamente com uma citação sobre educação bilíngue:

Eles têm o direito de usar a Língua de Sinais, sua língua nativa ou natural. As crianças e os adolescentes surdos precisam da oportunidade de formar sua identidade por meio da participação em sua comunidade e pela expressão de sua língua natural. (GARCIA, 2011, p. 228).

A importância da Língua de Sinais na produção de identidades surdas é imensa, ressalto o quanto as palavras de Garcia complementam o que foi mencionado, ou seja, que com a Língua de Sinais o surdo pode constituir sua identidade de uma forma natural com a interação da sociedade local. O sujeito surdo constrói a identidade conforme o momento que está passando e a Língua de Sinais é um elemento central nesse processo.

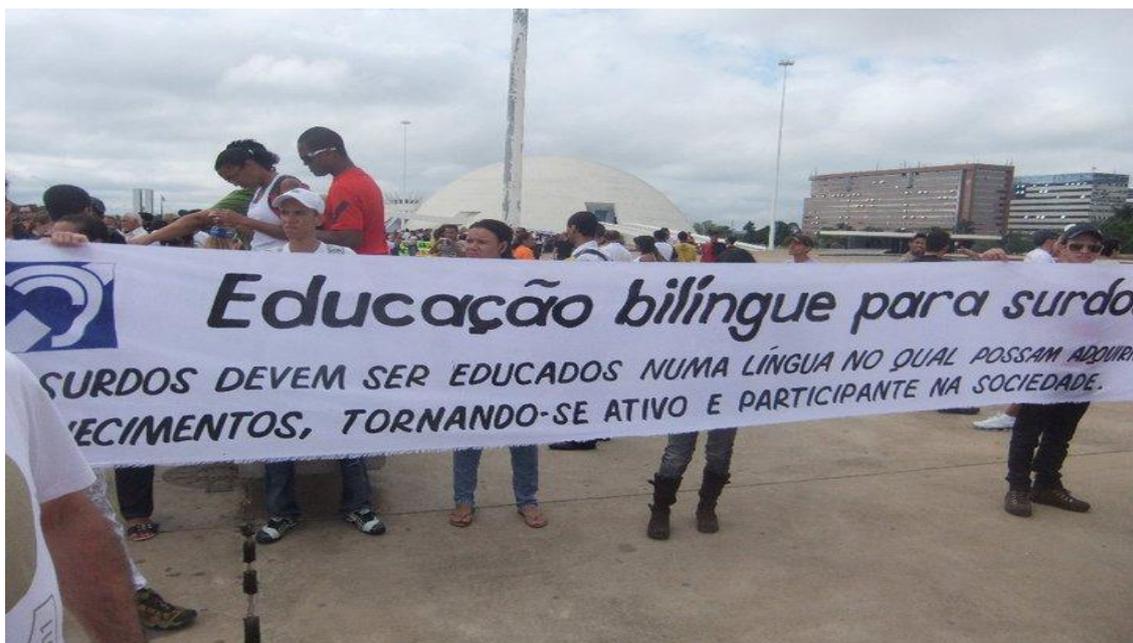


Figura 3: Manifestação em Brasília, maio de 2011. Educação Bilíngüe para Surdos. Fonte: Facebook.

Uma das líderes entrevistadas comenta que os acadêmicos surdos têm trazido muitos benefícios e têm consciência do que está acontecendo com a educação de surdos, esses acadêmicos assumem posturas durante as lutas da comunidade surda e legitimam esses movimentos. Alguns dos benefícios do ingresso de surdos em curso superior e em nível de pós-graduação, mestrado e doutorado, demonstram o fortalecimento da educação de surdos. Alguns professores surdos utilizam sua trajetória de vida como estratégia de fortalecimento das questões culturais, frente aos seus alunos surdos.

O curso de Letras/Libras proporcionou aos surdos a oportunidade de aprender sobre alguns aspectos linguísticos, como a gramática da Libras. Antes do curso, surdos que trabalhavam como instrutores de Libras se tornaram professores de Libras após essa formação. O curso de Letras/Libras é muito valorizado no cenário da educação de surdos. Após a conclusão desse curso os alunos formados, juntamente com o movimento surdo, vem lutando pelas vagas oferecidas para professor de Libras nas universidades públicas e privadas. As lutas do movimento surdo resultaram na criação desse curso e na oficialização de Libras. Segundo Rangel (2012),

Uma conquista de extrema relevância neste sentido ocorreu no mês de abril de 2002, quando a comunidade surda comemorou a lei que oficializava a Língua Brasileira de Sinais como língua oficial do Brasil, junto à Língua Portuguesa. Este foi um marco para o movimento

surdo, uma vez que reforçou e ampliou as lutas em favor das questões ligadas à educação de surdos. (RANGEL, 2012, p. 220).

Com essas conquistas os surdos constroem identidades surdas de maneiras diferentes, pois hoje as lutas do movimento surdo se organizam de outras formas, as lutas mudam com o tempo, e culturalmente também. Com o passar dos anos os surdos se sentem úteis na sociedade e continuamos lutando por uma educação de surdos com qualidade. E para esclarecer um pouco melhor uso a argumentação da Rangel (2012),

Os próprios surdos reconheceram e construíram sua identidade surda, de modo que, hoje os surdos se percebem como culturalmente diferentes. Somos independentes, autônomos, viajamos para outros países, participamos das nossas próprias olimpíadas e de congressos focados em nossa língua e cultura, mantemos contato com surdos do mundo inteiro. (RANGEL, 2012, p. 223).

A citação da Rangel relata que hoje os surdos são mais independentes e esse é um dos motivos pelo qual o movimento surdo lutou e continua lutando. Percebo que hoje há uma ligação mais intensa entre as pessoas surdas de diferentes lugares, isso se transforma em uma relação rica entre cultura local e outras culturas.

CAPÍTULO 4 – MOVIMENTOS SURDOS E A EDUCAÇÃO: NEGOCIAÇÃO DA CULTURA SURDA

Cultura diz respeito a modificar coisas, tornando-as diferentes do que são e do que, de outra maneira, poderiam ser, e mantê-las dessa forma inventada, artificial. A Cultura tem a ver com a introdução e a manutenção de determinada ordem e com o combate a tudo que dela se afaste, como indicativo de descida ao caos. Tem a ver, então, com a substituição ou complementação da “ordem natural” (o estado das coisas sem inferência humana) por outra, artificial, projetada. E a cultura não só promove, mas também avalia e ordena. (BAUMAN, 2010, p. 203).

Tratar do movimento surdo como estratégia de negociação da Cultura surda no campo da educação significa entender que essa negociação chama a atenção para “a estrutura de interação que embasa os movimentos políticos que tentam articular elementos antagônicos e oposicionais sem a racionalidade redentora da superação dialética ou da transcendência” (BHABHA, 1998, p. 52).

O movimento surdo se alia muito com a Cultura surda, nas duas grandes manifestações em que estive posso afirmar que o movimento surdo produz essa cultura. Há um conjunto de costumes, ideias, desejos e experiências reunidos num conjunto de imagens, de objetos visuais, que simbolizam e marcam o que é ser surdo.

A Cultura surda pode ser entendida como um recurso, ou seja, a partir da cultura abrem-se inúmeras possibilidades, pois usamos a Cultura surda no cotidiano como artefatos visuais, mídias (fotos, vídeos, internet) e obras produzidas pelos sujeitos surdos. A Cultura surda não é constituída só por pessoas surdas, os ouvintes também participam e se sentem em ‘casa’ na comunidade surda por saber que a Cultura surda possibilita trocas. A Cultura surda está dentro de cada pessoa e não se resume somente a materiais, cada um tem uma maneira de viver com a Cultura surda e tem um olhar próprio agindo de sua forma, assim essa cultura vai se fortalecendo. Portanto Cultura e Comunidade surda estão relacionadas, uma está presente na outra.

Uma vez que a cultura é o que possibilita a criação de espaços em que as pessoas podem se sentir ‘seguras’ e ‘em casa’, a Cultura surda é mais do que um ajuntamento de idéias, narrativas e materiais. Ela é fundamentada na diferença que funciona como recurso. (KARNOPP, KLEIN E LUNARNDI-LAZZARIN, 2011, pg. 28).

A Cultura surda é importante para as pessoas surdas, principalmente no que se refere a constituição de identidades. O espaço dos encontros surdos intensifica os laços culturais Segundo Gomes (2011, p.131) “saliento esse espaço porque é nele onde muitos surdos começam a se ‘ver’ surdos, a ‘abrir as suas gavetas’ de culturas, onde são narrados, se narram, se constituem e são inventados”. A inserção do termo Cultura surda nas discussões acadêmicas é imensa. Corroboro com Gomes (2011) quando diz que Cultura surda é um termo “caro” por ser uma “verdade” tão absoluta na comunidade surda.

Para pensar os significados e as negociações do que vem sendo tomado como Cultura surda, talvez seja importante descrever algumas representações sobre o mundo dos surdos. Sabemos que por muitas vezes esse mundo é descrito como cercado de silêncio, de Língua de Sinais, de Cultura surda, de artefatos culturais surdos, de comunidade surda, de movimento surdo, de luzes, cores, movimentos, expressões faciais e corporais. Muitos desses significados remetem a experiência visual como algo que é captado pela visão ao invés da audição.

Esses significados em torno da surdez e o mundo dos surdos constrói as formas como determinadas questões acabam sendo negociadas. Podemos perceber que há um deslocamento da ênfase da centralidade da Língua de Sinais para esses modos como as comunidades surdas experienciam seus modos de ser surdo, ou seja, estamos diante da centralidade da cultura.

Atualmente há muitas mudanças que acontecem de forma rápida, isso também acontece com a Cultura surda que está articulada com a contemporaneidade e se adapta conforme as mudanças de outras culturas também. A cultura é um componente importante na qualidade de vida e do empoderamento da sociedade. Entendo o conceito da centralidade de cultura a partir de Hall:

Por “substantivo”, entendemos o lugar da cultura na estrutura empírica real e na organização das atividades, instituições, e relações culturais na sociedade, em qualquer momento histórico particular. Por “epistemológico” nos referimos à posição da cultura em transformar nossa compreensão, explicação e modelos teóricos do mundo. (HALL, 1997, p, 2).

Mas isso não quer dizer que os surdos somente vivem no seu mundo. Estamos vivendo na sociedade contemporânea que sempre tem mudanças e muitas diferenças para enfrentar. Por isso precisamos lidar com as diversidades que temos hoje e talvez a principal delas seja o rompimento dessa polarização entre cultura surda e cultura ouvinte. A ligação entre surdos e ouvintes depende de ambos os sujeitos. No entanto, um desses elos de ligação são as pesquisas realizadas por pessoas ouvintes aliadas as lutas do movimento surdo. Conforme as autoras Perlin e Reis,

A sociedade contemporânea lida com sujeitos provenientes de culturas diferentes e afetados e movidos pela polifobia de discursos que vem das diversas fontes de informações. Os artefatos contemporâneos, do ponto de vista do surdo, são instituições ancoradas nos pontos de vista conservadores ou da substituição e da tolerância. (PERLIN E REIS, 2012, p. 29).

A intensidade da negociação entre cultura surda e movimento surdo é grande, afinal a Cultura surda está muito presente no movimento surdo. Em umas das maiores manifestações do movimento surdo brasileiro, nos últimos tempos, a Marcha de Brasília nos dias 19 e 20 de maio de 2011, houve muitas negociações sejam pelas associações de surdos de diferentes partes do país, pelas escolas prontas para a luta, pelos grupos de pais, por empresas disponibilizando verbas para a confecção de camisetas e passagens para líderes e artistas darem seu apoio ao movimento. Posso dizer que estamos diante de outras formas de organização do movimento surdo em que é possível visualizarmos as formas de circulação, consumo e negociação da Cultura surda. O movimento surdo tem sua própria política, suas formas de preparar e organizar as reuniões e as manifestações, ou seja, suas negociações políticas. Segundo Strobel,

As políticas surdas, organizadas pelas comunidades surdas incluem as negociações pelos seus espaços, nas lutas pelos direitos à diferença cultural na educação e nos direitos humanos. As políticas surdas produzem significados culturais com os quais podemos nos identificar e constroem, assim, suas identidades surdas. (STROBEL 2012, p. 97).

O movimento surdo negocia as aprendizagens que estão presentes nos cotidianos das comunidades surdas, sejam aprendizagens de ordem cultural, linguística, social, todas estão articuladas com o movimento surdo, principalmente pela educação de surdos. A cultura surda na

contemporaneidade mostra que o consumo é imenso na internet, a tecnologia está muito presente na nossa atualidade. Os movimentos sociais em geral têm os seus artefatos, as imagens, os noticiários, os gráficos, os livros, as fotos, os vídeos, as músicas, mas isso não são apenas manifestações culturais, eles são artefatos produtivos relacionados com a sua comunidade, ou melhor, a sua cultura.

O artefato cultural dos Surdos é organizado de acordo com a visualidade e utiliza uma estratégia para substituir a ausência do som. Pela ausência do som, criamos as nossas informações sobre a cultura do seu criador em detrimento da maioria da comunidade surda e seus usuários que perderam ou nunca tiveram contato com a Língua de Sinais. O artefato varia e é acrescido ao longo do tempo, dependendo da evolução da tecnologia, de novas descobertas e dos recursos que nós necessitamos para viver por meio da visão. E destes criam-se um pertencimento cultural que, por meio da visualidade, se apropria, se media e transmite a cultura proporcionando vários significados capazes de promover a sociabilidade e a identidade através da visualidade e da “experiência visual” como protagonistas dos processos culturais da comunidade surda. (CAMPELLO, 2008, p.91).

A Língua de Sinais é uma centralidade da comunidade surda, ela é um fator de identificação e, muito mais que usada, está presente nas imagens, nos vídeos, nos noticiários e é consumida na vida das pessoas surdas. Isso pode ser visto, por exemplo, na organização para a manifestação de Brasília em 2011, percebo nessa organização a produção de diferentes artefatos culturais na negociação entre educação e o movimento surdo. Não posso deixar mencionar aqui o dia do surdo, outra manifestação importante para pensarmos as formas de circulação, consumo e negociação da Cultura surda. Nesse dia sempre há passeata de orgulho, movimentos, e seminários. A data vinte e seis de setembro pode ser entendida como um artefato de orgulho para os surdos, pois se comemora com ela a fundação da primeira escola de surdos no Brasil, o INES. Segundo Moura (2002, p. 11),

O dia do Surdo tem um significado simbólico muito importante. Ele representa o reconhecimento de todo um movimento que teve início há poucos anos no Brasil quando o Surdo passou a lutar pelo direito de ter sua língua e sua cultura reconhecidas como uma língua e uma cultura de um grupo minoritário e não de um grupo de “deficientes”. (MOURA, 2002, p. 11).

Diante dessas diferentes formas de pensar as manifestações políticas das comunidades surdas e seus efeitos no campo educacional, posso afirmar que o movimento surdo não fica de fora dos modos contemporâneos de pensar a cultura e a educação. Na contemporaneidade negocia-se com a Língua de Sinais e com as novas tecnologias para buscar os efeitos dos movimentos surdos. Nesse sentido, o movimento surdo se inscreve nessa racionalidade contemporânea. Como afirma Costa (2005),

A mudança histórica para uma nova forma de capitalismo – pós-industrial, tardio, flexível... - marcado, entre outras coisas, pelo mundo disperso e efêmero das novas tecnologias, pelo consumo de toda a sorte de produtos da indústria cultural (inclusive imagens, identidades e modos de ser), por variadas e difusas políticas de identidade, por conformações de curto prazo e grande flexibilidade no trabalho, dificultando às pessoas, como diz Sennet(1998), a construção de uma narrativa coerente para suas vidas, vem nos inscrevendo em um mundo radicalmente diverso daquele que vivíamos até, pelo menos, há uns 30 ou 40 anos. (COSTA, 2005, p. 209).

É para esse cenário que essa pesquisa se volta, ou seja, me interessa nesse estudo contribuir com a história das comunidades surdas, tentando entender como são feitas as lutas e os movimentos surdos de hoje. Ou seja, não se busca com essa pesquisa descobrir respostas mas sim, contribuir com as futuras pesquisas e continuar pesquisando sobre os movimentos surdos na contemporaneidade. Todos os dias aparecem novidades, com isso mudamos os nossos olhares.

Com o avanço da tecnologia tivemos muitos benefícios, no entanto não podemos fazer com que esse avanço apague os patrimônios conquistados pelo movimento surdo, o principal deles o encontro, o contato surdo/surdo. Soube por um amigo surdo que a Associação de Surdos de Buenos Aires perdeu muitos sócios para a internet. No entanto, um dia um surdo de lá viu a necessidade de participação na associação e fez uma mobilização pedindo sócios para participar em associação e valorizar a história da Associação de Surdos de Buenos Aires, essa mobilização foi feita na rede social e o resultado deu certo. Para Caldas (2012, p.145),

A internet trouxe inúmeras mudanças no que diz respeito à comunicação e acesso a informações. Tanto os surdos que podem se comunicar de maneira mais rápida e independente como os ouvintes

que podem ter mais informações e acessar registros da Cultura surda em comunidades das redes sociais, estamos engajados em uma nova rede de interações. É preciso atentar para essas novas possibilidades no sentido de divulgar a Língua de Sinais e as associações de surdos: o Facebook, o Orkut, o Youtube, são todos meios onde se podem promover movimentações políticas e afirmar a diferença surda. A tecnologia deve se tornar um apoio para a consolidação da cultura e da língua dos surdos. Certamente a internet é uma possibilidade para todo e qualquer movimento social. (CALDAS, 2012, p. 145).

Há muitos desafios a serem enfrentados. Penso o que seria da comunidade surda sem as lutas? E sem as manifestações? Os eventos como seminário, encontros, festivais, etc. fazem a história de comunidade surda continuar. Para Lunardi (1998, p. 161),

Algumas formas de resistências, como a criação da associação de surdos, fundadas após a imposição do ensino oralistas nas escolas, a luta pelo direito de adquirirem a Língua de Sinais como primeira língua, os matrimônios entre os/as surdos/as, são expressões genuínas dessas resistências. (LUNARDI, 1998, p. 161).

O movimento surdo tem a sua resistência e está permeado por relações de poder. O povo surdo luta pela comunidade surda e utiliza os movimentos de resistência para defender os seus interesses e negociá-los. Segundo Vilela (2006, p. 117) “a resistência ocorre onde existe poder, pois ela é inseparável das relações de poder. A um tempo só, a resistência funda as relações de poder, sendo, também, o resultado dessas mesmas relações”. Nesse sentido, sempre haverá poder, nos movimentos sociais em geral. Segundo Lopes (2007, p.11).

Resistir significa viver intensamente a relação com o outro surdo que vive e sente a surdez de outras formas ou de formas semelhantes e que compartilha das mesmas lutas. A negociação de significados o ser surdo e para a surdez é uma negociação que se dá, portanto, no interior das relações de poder e de resistência. (LOPES, 2007, p. 11).

Acredito que as formas de narrar os surdos a partir das representações ouvintes centrados nas práticas de normalização foram as precursoras dos movimentos surdos de resistência. Anteriormente mencionei o ouvintismo como uma dessas formas de representação das pessoas ouvintes sobre surdos, esses foram os principais motivos da existência do movimento surdo, após o

Congresso Milão. A comunidade surda nunca mais parou de se mobilizar, sempre há algo pelo qual se luta. Para Perlin (1998 p. 69),

O movimento surdo é responsável direto pelo novo impasse na vida do surdo contra a coesão ouvinte, pelo sentir-se surdo: em resumo, é o local de gestação da política da identidade surda. É no movimento surdo onde estamos mais próximos da divisão entre poder surdo e poder ouvinte, onde surge uma proximidade dinâmica da identidade surda que denominamos política da identidade, que tem sua força na alteridade e que guarda as fronteiras da identidade surda como tal. Por que surge essa resistência surda? Ela é uma força contra o poder ouvinte de ideologia dominante ouvintista. (PERLIN, 1998, p. 69).

Com os ideais da modernidade e contemporaneidade os movimentos surdos deslocam suas bandeiras de luta, por exemplo, as últimas grandes manifestações por uma educação bilíngue para surdos, diferem-se das formas como os surdos lutavam para terem a oficialização da sua língua, ou entrarem no mercado de trabalho. Nesse contexto, ainda não havia as pesquisas, as tecnologias, os pesquisadores ouvintes e surdos com mestrado e doutorado com foco da educação de surdos. Essas são algumas das diferenças do que podemos encontrar no movimento surdo contemporâneo, no entanto ainda temos pontos em comuns como passado, um deles é a permanente luta pelos direitos humanos.

Movimentos surdos estão articulados com as necessidades desse momento, ou seja, as formas como as práticas sociais, culturais, políticas, linguísticas e econômicas se manifestam na contemporaneidade, atingem diretamente as reivindicações das comunidades surdas. As novas tecnologias estão cada vez mais presentes nos movimentos sociais, o movimento surdo mudou a maneira de se mobilizar e mudou seu espaço de atuação. Agora as redes sociais são os pontos fortes para a organização das mobilizações e das resistências surdas. Nesse sentido, pensar nas formas como o movimento surdo negocia e faz circular a Cultura surda por meio das novas tecnologias, me possibilita refletir sobre a importância dos Estudos Culturais em Educação para o desenvolvimento dessa pesquisa. Para Pinheiro (2011, p. 35), na perspectiva dos Estudos Culturais, as novas tecnologias tomam papel central na produção, circulação e consumo do conhecimento e informações. Por isso esse trabalho centra sua preocupação na articulação acerca dessas novas

formas de mobilização dos movimentos surdos e seus efeitos na educação de surdos.

A ênfase da luta do movimento surdo com a negociação da cultura tem como um dos seus principais aliados as redes sociais, pois são elas que parecem ser mais úteis para as organizações dos movimentos. Neste século entram novos sujeitos nos movimentos sociais anti ou alterglobalização, que interferiram de uma outra forma nas comunidades surdas. Os movimentos surdos constituem-se por novos sujeitos (surdos e ouvintes) que lutam juntos pelo mesmo objetivo, ou seja, buscam melhorias na educação de surdos. Ressalta Ghon (2008, p.440):

Portanto, neste novo século, observa-se que novíssimos sujeitos entraram em cena, como os movimentos sociais anti ou alterglobalização. Várias as lutas sociais se internacionalizam rapidamente, novos conflitos sociais eclodiram, abrangendo diferentes temáticas que vão da biodiversidade, lutas e demandas étnicas, até as lutas religiosas de diferentes seitas e crenças. (GHON, 2008, p.440).

O Movimento Surdo pela Educação Bilíngüe se internacionalizou rapidamente com os sujeitos surdos de fora do Brasil isso porque temos uma p mesma pauta de intenções, qual seja, uma educação melhor aos surdos. Por as comunidades surdas serem minorias, temos interesses e necessidades comuns a sujeitos usuários de uma língua visual.

Antes pensávamos que havia a possibilidade da internet esvaziar as associações de surdos, mas estávamos enganados, pois a internet revolucionou o movimento surdo, potencializando a sua força, com mais resistência. A maior manifestação da história do movimento surdo no Brasil foi organizada através das redes sociais, em apenas 35 dias levou mais de quatro mil pessoas à Brasília a fim de lutar pelas escolas bilíngues para surdos. A Comunidade Surda acompanhou os acontecimentos da III Conferência Nacional dos Direitos das Pessoas com Deficiência nas redes sociais, pois nunca havia tantos líderes surdos e ouvintes aliados na conferência. As pessoas que se encontravam no evento postavam no *facebook* cada momento e os que não estavam na conferência ficaram cientes do que acontecia pelas atualizações da tecnologia. A tecnologia é um fenômeno mais contínuo e seus

efeitos têm aparecido através das redes sociais. Conforme Holanda (2012, p. 2), os meios de comunicação são como um bombardeio:

A presença contundente e central de um fenômeno novo, estranho, impermeável ao arsenal de conceitos teóricos disponíveis naquela hora: a revolução dos meios de comunicação de massa, um bombardeio de informações e de imagens, cujo impacto e poder de disseminação não encontra precedentes na história. (HOLLANDA, 2012, P. 2).

Conforme os dados analisado no “movimento da escola bilíngues”, podemos ver a importância das redes sociais na mobilização dos surdos. Durante a Conferência Nacional de Educação (CONAE), realizado em Brasília, em abril de 2010, a representante do MEC acusou as escolas de surdos de segregacionistas e afirmou que o MEC não acredita na existência de uma Cultura surda. As palavras da Martinha Claret revoltaram muitas pessoas entre eles surdas e ouvintes que trabalham na educação de surdos, a revolta atingiu as redes sociais, principalmente o *facebook*, em meados do mês de abril de 2011.

A partir desse evento inicia-se no *facebook* uma grande mobilização nacional contra os comentários da referida professora representante do MEC no, em especial as discussões que envolvem as políticas de inclusão educacional para as pessoas surdas. Essa rede social tem uma comunidade que organiza as manifestações com objetivo de buscar uma melhor qualidade na educação de surdos. Essa comunidade tem mais de mil participantes que organizaram a maior manifestação da história do movimento surdo no Brasil, intitulada “Organização de manifestações em defesa da Educação de Surdos”, realizada em Brasília em maio de 2011.



Figura 4: O Movimento surdo lutando pela educação bilíngue, em Maio/2011, com mais de quatro mil pessoas. (**Fonte:** acervo pessoal).

Posso garantir que as tecnologias assumiram um papel central e talvez revolucionário nos movimentos surdos na contemporaneidade, pois ajudou a mobilizar uma grande força política enquanto ferramenta de luta. Vale lembrar que o maior objetivo do movimento surdo é a educação de surdo. O movimento surdo explora a liderança dos manifestantes e negocia com a Cultura surda, além de explorar as tecnologias como ferramenta de mobilização. Aproveito as palavras do Du Gay:

(...) a nova mídia eletrônica não apenas possibilita a expansão das relações sociais pelo tempo e espaço, como também aprofunda a interconexão global, anulando a distância entre as pessoas e os lugares, lançando-as em um contato intenso e imediato entre si, em um “presente” perpétuo, onde o que ocorre em um lugar pode estar ocorrendo em qualquer parte (...) Isto não significa que as pessoas não tenham mais uma vida local – que não mais estejam situadas contextualmente no tempo e espaço. Significa apenas que a vida local é inerentemente descolada – que o local não tem mais uma identidade “objetiva” fora de sua relação com o global. (DU GAY, apud Hall 1994).

O reconhecimento da Língua de Sinais foi um dos principais vetores de lutas políticas para o reconhecimento da Cultura surda. No entanto, a própria noção do que é Cultura surda, se amplia com os novos arranjos e acordos culturais.

Podemos vislumbrar isso na oferta do Curso de Letras/Libras que foi ofertada na modalidade a distância, e que através das tecnologias ressignificou o ensino da Língua de Sinais e os espaços de construção de cultura e identidade surda. Afirmativas de que a Língua de Sinais só pode ser compreendida de forma presencial, nos atuais arranjos, não fazem mais sentido. São nesses contextos virtuais que vemos a Cultura surda sendo consumida e negociada a todo o momento.

A implementação do curso de Letras/LIBRAS na modalidade distância teve o objetivo de formar profissionais com capacidade para trabalhar com a LIBRAS e qualificar os profissionais que estão na educação de surdos como professores, psicólogos, professores surdos e ouvintes, intérpretes de Língua de Sinais, fonoaudióloga, etc. Os alunos formados de Letras/LIBRAS em licenciatura poderão dar aulas e o bacharel de Letras/LIBRAS poderão traduzir e interpretar a Língua de Sinais. Os recursos didáticos e pedagógicos do curso se deram por meio de diferentes mídias: videoconferência interativa, internet – ambiente virtual, ou seja, ambiente de aprendizagem on-line, vídeos, hiperlinks, material impresso, vídeos-aulas. Enfim os acadêmicos realizavam os seus trabalhos em casa mesmo pela internet e a cada quinze dias tinham um encontro presencial no pólo para apresentação de trabalhos e tira-dúvidas com tutores ou professores. (C. Curso Letras/LIBRAS).

Podemos pensar que as experiências dos líderes/sujeitos surdos e suas articulações com os movimentos atuais nos ajudam a entender melhor as representações que temos hoje acerca da Língua de Sinais, da comunidade surda, Cultura surda e educação de surdos. O Movimento Surdo faz parte dos movimentos sociais que existem pelo mundo em busca de uma contra-globalização hegemônica como afirma a Scherer-Warren (2009, p.11),

Apesar do avanço tecnológico no mundo da informação ser um dos carros chefes da globalização hegemônica, também serve como um mecanismo para a construção de uma globalização contra-hegemônica, através da ação em rede dos movimentos sociais. (SCHERER-WARREN, 2009, p. 11).

Certamente a internet foi a grande ferramenta no “Movimento Escola Bilingue para Surdos”. As lideranças postavam nesses espaços vídeos em Língua de Sinais para divulgar e pedir colaborações, pois quando as informações são transmitidas em sinais facilita mais a acessibilidades aos surdos. As organizações pelas redes sociais foram mais que uma ferramenta

de comunicação para os movimentos surdos, elas se constituíram no próprio movimento, inclui-se nisso, as estratégias de consumo e circulação dos bens culturais e educacionais das pessoas surdas.

Outro exemplo do alcance e da importância das redes sociais na organização dos movimentos surdos foi a organização do movimento festivo em comemoração aos dez anos da oficialização da lei de Libras, em abril de 2012. A organização do movimento dos dez anos da lei Libras foi mobilizada nas redes sociais pelos líderes surdos e ouvintes em todo Brasil e teve como objetivo entregar as propostas para a Educação Bilíngue aos surdos à Casa Civil.



Figura 5: Movimento Surdo nos dez anos da Lei 10.436 em Brasília, 24/04/2012. (Fonte: Acervo pessoal)

Finalizo esse capítulo trazendo para a discussão a ênfase da centralidade da cultura como recurso sendo colocada em funcionamento pelo movimento surdo. Argumenta Yúdice, (...) a cultura é também utilizada como forma de fortalecer o tecido social. (2004, p. 26). A Cultura surda como um recurso é utilizada para diversas finalidades, como por exemplo, a luta pelos direitos gerando grande circulação dos bens culturais nas sociedades.

Considerações finais:

O presente estudo procurou investigar os movimentos surdos no campo de Educação de Surdos tentando entender que novas maneiras de articulação dos movimentos surdos na contemporaneidade. Esta pesquisa está filiada ao campo dos Estudos Culturais em Educação, com atravessamentos do campo dos Estudos Surdos que entendem a surdez e a educação de surdos a partir de um contexto cultural e lingüístico específico.

Como referencial teórico metodológico utilizei os movimentos surdos enquanto espaço de lutas e resistências surdas e seu significado para a construção de uma política de educação para surdos pautada nas articulações entre língua de sinais e cultura surda. Para dar conta desse investimento de pesquisa, primeiramente procurei entender a emergência dos movimentos surdos no cenário da educação de surdos. Em seguida, busquei identificar as diferentes estratégias de luta organizadas pelo movimento surdo a fim de compreender seus efeitos para a educação de surdos na contemporaneidade. Utilizei os quatro pontos para a materialidade de análise: Documento “Educação que nós Surdos Queremos” de 1999 Projeto de Curso Letras/LIBRAS, Lei 10.436/ Decerto 5.626 e Movimento Escola Bilíngüe para Surdos.

Essa dissertação faz parte da minha vida, uma experiência muito rica e novas descobertas, foi um imenso desafio estar frente à pesquisa, pude entender o cenário contemporâneo na educação de surdos nos dias de hoje e as resistências existentes no movimento surdo articulado à educação de surdos. Muitas leituras, entrevistas com as líderes surdas, viagens fizeram a parte da produção dessa dissertação. Pesquisa. Posso afirmar que ela está repleta de novidades porque temos os movimentos surdos que são recentes e que trouxeram grandes repercussões na história de Educação de Surdos. Um bom exemplo são as últimas manifestações do movimento surdo em busca de uma educação bilíngüe aos surdos, talvez uma das maiores manifestações da história de Educação de Surdos no Brasil.

Procurei evitar escrever estereótipos, usei um olhar mais flexível e atual. O Movimento Surdo é interligado com a Educação de Surdos, na pesquisa pude escrever uma parte de história e muitas novas oportunidades para conhecer a

História de Surdos no campo de educação de surdos. Também pude entender as negociações do movimento surdo com a cultura surda, um jogo presente e traz efeitos. Os artefatos culturais que compõem a educação de surdos, cultura surda como um recurso que fortalece movimento surdo e a educação de surdos forma temas abordados na dissertação. Também pude trazer as estratégias de uso à língua de sinais, as identidades surdas e o movimento surdo articulado à educação de surdo.

Atualmente temos muitos surdos com graduação e isso fortalece o movimento surdo e a educação de surdos, além disso, temos pesquisadores ouvintes que contribuíram a trazer novos estudos e pesquisas. Vale lembrar que uma das líderes surdas entrevistada por mim ressaltou que, nos dias de hoje, os movimentos surdos e a educação de surdos têm mais resistências com melhores resultados devido à presença surdos graduados, mestres e doutores e também os ouvintes pesquisadores com mestrado e doutorado, cada um com suas teorias fortalecendo as lutas e resistências.

Referencias bibliográficas:

- BAUMAN, Zygmunt. **A arte de vida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- _____. **Aprendendo a pensar com a sociologia**. Rio de Janeiro: Zahar 2010.
- BHABHA, Homi. **O Local da Cultura**. Belo Horizonte: ED. UFMG, 1998.
- CAMATTI, Liane e LUNARDI-LAZZARIN, Márcia L. **A constituição do sujeito pedagógico surdo: investimento comunitário na escola**. Revista ETD: Educação, Telemática Digital. Campinas, v.14, n.1, p.386 - 398 jan./jun 2012.
- CALDAS, Ana Luiza Paganelli. **Movimento Surdo: Identidade, língua, cultura**. PERLIN Gladis. IN: STUMPF, Marianne (orgs). Um olhar sobre nós surdos: leituras contemporâneas. Ed. CRV, 2012. p. 139 - 147.
- CAMPELLO, Ana Regina S. **Aspectos da visualidade na educação de surdos**. Tese de doutorado de Educação – Programa de Pós-graduação em Educação. Universidade federal de Santa Catarina – UFSC – Florianópolis, 2008.
- CAMPOS, Débora Wanderley, STUMPF, Marianne. **CULTURA SURDA: um patrimônio em contínua evolução**. PERLIN Gladis. IN: STUMPF, Marianne (orgs). Um olhar sobre nós surdos: leituras contemporâneas. Ed. CRV, 2012. p. 177 - 185.
- COSTA, Marisa Vorraber. **Velhos temas, novos problemas – a arte de perguntar em tempos pós-modernos**. In: COSTA, Marisa Vorraber **Caminhos Investigativos III**. P.199 a 214. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. p. 199 - 214.
- COSTA, Marisa Vorraber, SILVEIRA, Rosa Hessel, SOMMER, Luis Henrique. **Estudos Culturais, educação e pedagogia**. In: Revista Brasileira de Educação. Rio de Janeiro. Nº23. maio/junho/julho/agosto 2003. p. 23 - 61.
- Documento **“A Educação que nós queremos”** 13 Páginas, 1999.
- FELIPE, Tanya. **Atendimento Educacional Especializado (AEE): os discursos contraditórios das políticas educacionais inclusivas**. Escolas especiais garantidas pelo decreto nº 7.611/2011. Revista FENEIS, nº46. Dez/2011 p.27 - 30.
- FENEIS, Revista da FENEIS: **Desenvolvimento integral do surdo “enquanto pessoa”**. Belo Horizonte, 1995.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. 12ª Edição. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1996.
- GARCIA, Barbara Gerner de. Defesa da língua de sinais e do direito à educação bilingue. IN: KARNOPP, Lodenir Becker, KLEIN Madalena,

LUNARDI-LAZZARIN, Márcia Lise (Orgs). **Cultura Surda na contemporaneidade: negociações, intercorrências e provocações.** Canoas: Ed. ULBRA, 2011. p. 223 - 231.

GOHN, Maria da Glória. **Movimentos Sociais na contemporaneidade.** Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, v.16 n.47 maio-agosto/2011 p. 333 - 361.

_____. **Abordagens teóricas no estudo dos movimentos sociais na América Latina.** Caderno CRH, Salvador, v. 21, n. 54, p, 439 - 455, set./dez. 2008.

GOMES, Anie Pereira Goulart. A invenção da cultura surda e seu imperativo no plano conceitual. KARNOPP, Lodenir Becker, KLEIN Madalena, LUNARDI-LAZZARIN, Márcia Lise (Orgs). **Cultura Surda na contemporaneidade: negociações, intercorrências e provocações** Canoas: Ed. ULBRA, 2011. p. 120 - 135

GROSJEAN, F. **The right of the deaf child to grow up bilingual.** *Sign Language Studies.* 1 (2), (2001), p. 110 – 114.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade. In: SILVA, Tomaz T. (org). **Identidade e Diferença – a perspectiva dos Estudos Culturais.** Petrópolis: Vozes, 2001.

_____. (1996). **Cultural studies and its theoretical legacies.** In: MORLEY, David, KUAN-HSING, C., (eds). Stuart Hall – critical dialogues in cultural studies. London; New York: Routledge.

_____. **A centralidade da Cultura:** notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. *Educação & Realidade*, v. 22, nº 2, p. 15-46, jul/dez,1997.

_____. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro. Ed. DP&A. 2011

HOLLANDA, Heloisa Buraque. **Novos Sujeitos e Movimentos Sociais na Sociedade Contemporânea.** <http://www.heloisaburaquehollanda.com.br/?=69> Captura em 02/09/2012.

KARNOPP, Lodenir Becker. KLEIN, Madalena. **A Língua na Educação de Surdos – Volume 1/Secretaria da Educação/Rio Grande do Sul/Departamento Pedagógico/Divisão de Educação Especial.** Porto Alegre, 2005. p.15-24.

KARNOPP, Lodenir Becker, KLEIN Madalena, LUNARDI-LAZZARIN, Márcia Lise Produção, Circulação e consumo da cultura surda brasileira In: KARNOPP, Lodenir Becker, KLEIN Madalena, LUNARDI-LAZZARIN, Márcia Lise (Orgs). **Cultura Surda na contemporaneidade: negociações, intercorrências e provocações.** Canoas: Ed. ULBRA, 2011. p. 15 - 28

KLEIN, Madalena. **A formação do surdo trabalhador: discursos sobre a surdez, a educação e o trabalhador**. Porto Alegre: UFRGS, 1999. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Rio Grande do Sul.

_____. **Tecnologias de Governo na Formação Profissional dos Surdos**. Porto Alegre: UFRGS, 2003. Tese de Doutorado - Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Rio Grande do Sul.

LABORIT, Emmanuelle; **O Grito da Gaivota**. Ed. Caminho SA. Lisboa, Portugal. 2000.

LADD, Paddy; GONÇALVES, Janie. Culturas Surdas e o desenvolvimento de pedagogias surdas. IN: KARNOPP, Lodenir Becker, KLEIN Madalena, LUNARDI-LAZZARIN, Márcia Lise (Orgs). **Cultura Surda na contemporaneidade: negociações, intercorrências e provocações**. Canoas: Ed. ULBRA, 2011. p. 295 - 329.

LOPES, Maura Corcini. **Surdez & Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

LUNARDI, Márcia Lise. Cartografando os Estudos Surdos: currículo e relações de poder . In: SKLIAR, Carlos. **A Surdez: Olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Mediação, 1998. p. 157 – 168.

LUNARDI-LAZZARIN, Márcia. Os discursos da diferença no contexto das políticas de inclusão: a anormalidade no detalhe. In: TREVISAN, Amarildo Luiz, TOMAZETTI, Elisete Medianeira, ROSSATO, Noeli Dutra. **Diferença, cultura e educação**. Porto Alegre: Sulina, 2010. p. 142 - 152.

MEIRELLES, Cecília. **Artigos sobre a infância desfavorecida no Brasil**. Revista Espaço, Rio de Janeiro. Volume, n.6, p. 68 -72, março 1997.

MIANES, Felipe L., MULLER, Janete I., FURTADO, Rita Simone S. Literatura Surda: um olhar para as narrativas de si. KARNOPP, Lodenir Becker, KLEIN Madalena, LUNARDI-LAZZARIN, Márcia Lise (Orgs). **Cultura Surda na contemporaneidade: negociações, intercorrências e provocações**. Canoas: Ed. ULBRA, 2011. p. 55 - 70.

MOTTEZ, Bernard. **Los banquetes de surdosmudos y el nacimiento del movimiento surdo**. Revista do GELES, Rio de Janeiro, n.6, p. 5 - 19, 1992.

MOURA, Maria Cecília de. **História e Educação: o surdo, a oralidade e o uso de sinais**. In: LOPES FILHO, Otacílio de C. Tratado de Fonoaudiologia. São Paulo: Roca, 1997.

NEVES, Gabriele Vieira. **Educação de Surdos em Caxias do Sul de 1960 a 2010: Uma História escrita por várias mãos**. Dissertação de Mestrado em educação – Universidade de Caxias do Sul, 2011.

PADDEN, Carol; HUMPHRIES, Tom. **Deaf in America: voices from a culture**. Cambridge: Harvard University Press, 1988. Tradução do Centro de Estudos Surdos ULBRA.

PERLIN, Gládis T.T. Identidades Surdas. In: SKLIAR, Carlos. **A Surdez: Olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Mediação, 1998. p. 51 - 73.

_____. **SURDOS: cultura e transformação contemporânea**. PERLIN Gladis, REIS, Flaviane. STUMPF, Marianne (orgs). Um olhar sobre nós surdos: leituras contemporâneas. Ed. CRV, 2012. p. 29 - 46.

PINHEIRO, Daiane. Produções Surdas no Youtube: consumindo a Cultura. IN: KARNOPP, Lodenir Becker, KLEIN Madalena, LUNARDI-LAZZARIN, Márcia Lise (Orgs). **Cultura Surda na contemporaneidade: negociações, intercorrências e provocações**. Canoas: Ed. ULBRA, 2011. p. 29 - 40.

POUPEPAU, Frank. **Dominación y movilizaciones**. Córdoba: Ferreyra Editor, 2007.

PROPOSTA DE CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS/LICENCIATURA HABILITAÇÃO EM LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS: UFSC, FENEIS, CEFET-SC. Coordenadores do projeto, Prof^a. Dr^a.. Viviane M. Heberle e Prof^a. Dr^a. Ronice M. de Quadros. p 1 - 17.

QUADROS, Ronice Muller de; SUTTON-SPENCE, Raquel. Poesia em língua de sinais: traços da identidade surda. IN: QUADROS, Ronice Muller de (org). **Estudos Surdos I**. Petropolis: Arara Azul, 2006, p. 110 - 165.

QUADROS, Ronice M. **Educação de Surdos: a aquisição da linguagem**. Artes Médicas. Porto Alegre. 1997.

RANGEL, Gisele Maciel Monteiro. **História do povo surdo em Porto Alegre imagens e sinais de uma trajetória cultural**. Dissertação de Mestrado em Educação – Universidade Federal de Rio Grande do Sul, 2004.

_____. **História Cultural da Pedagogia dos Surdos: 15 anos depois**. IN: STUMPF, Marianne (orgs). Um olhar sobre nós surdos: leituras contemporâneas. Ed. CRV, 2012. p. 213 - 225.

REZENDE, Patrícia Luiza Ferreira. **“Implante coclear na constituição dos sujeitos surdos”**. Florianópolis: UFSC, 2010. Tese de doutorado em Educação – Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC.
REVISTA DA FENEIS n° 40. **Federação Nacional de Integração e Educação dos Surdos**, Regional de Minas Gerais, Belo Horizonte: 2010.

ROSA, Emiliana Faria. **IDENTIDADES SURDAS: o identificar do surdo na sociedade**. PERLIN Gladis. IN: STUMPF, Marianne (orgs). Um olhar sobre nós surdos: leituras contemporâneas. Ed. CRV, 2012. p. 21 - 28.

SACKS, Oliver W. Vendo vozes: **Uma viagem ao mundo dos surdos**. 1989. Tradução Laura Teixeira Motta, São Paulo: Companhia de Letras, 2010.
SÁ, Nídia Regina Limeira de. **Cultura, Poder e Educação de Surdos**. Manaus: Editora UFAM. 2002.

SARDAR, Ziauddin, VANLOON, Boris (1998). **Introducing cultural studies**, New York: Totem Books.

SCHALLENBERGER, Augusto. **Ciberhumor nas comunidades surdas**. Porto Alegre: UFRGS, 2000. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Rio Grande do Sul, 1999.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade**; uma introdução às teorias do currículo. . Ed. Belo Horizonte: Autêntica.1999

SILVEIRA, Carolina Hessel. **O currículo de língua de sinais na educação de surdos**. Dissertação de Mestrado em Educação – Universidade Federal de Santa Catarina, 2006.

SCHERER-WARREN, Ilse. **Movimentos Sociais e pós-colonialismo na América Latina**. [Http://www.npms.ufsc.br/programas/poscolonialismo.doc](http://www.npms.ufsc.br/programas/poscolonialismo.doc)
Documento encontrado em 02/09/2012.

SKLIAR, Carlos. **A Surdez**: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre, Mediação, 1998.

_____. **A invenção e a exclusão da alteridade “Deficiente” a partir dos significados da normalidade**. Revista Educação & Realidade. Julho a Dezembro de 1999. P. 15 - 32.

SOUZA, Regina Maria de. **Que palavras que te falta?** Linguística, Educação e Surdez. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis. Editora UFSC, 2008.

_____. **Os sobreviventes das políticas surdas: opressão da cultura surda e de seus valores linguísticos na educação**. PERLIN Gladis. STUMPF, Marianne (orgs). Um olhar sobre nós surdos: leituras contemporâneas. Ed. CRV, 2012. p. 97 - 106.

THOMA, Adriana da Silva. KLEIN, Madalena. Experiências educacionais, movimentos e lutas surdas como condições de possibilidade para uma educação de surdos no Brasil. **Cadernos de Educação/faculdade de Educação** – UFPeL – ano 19, n. 36 (mai.-ago. 2010) – Ed. UFPeL – Pelotas, RS. p. 107 – 131.

VIEIRA-MACHADO, Lucylene Matos da C. Traduições e Marcas Culturais dos Surdos Capixabas: os discursos desconstruídos quando a resistência conta a

história. IN: QUADROS, Ronice Muller de (org). **Estudos Surdos III**. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2008, p. 210 - 259.

VILELA, Eugênia. Resistência e acontecimentos. as palavras sem centro. In: GONDRA, José; KOHAN, Walter (orgs.). **Foucault 80 anos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006 p. 107 – 128.

VILHALVA, Shirley. **ÍNDIOS SURDOS**: Mapeamento das línguas de sinais do Mato Grosso do Sul. Petrópolis, Arara Azul, 2012.

YÚDICE, G. **A conveniência da cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2004.

WRIGLEY, Oliver. **Política da surdez**. Washington: Gallaudet University Press, 1996.

<https://servidoresjt.wordpress.com/2011/11/11/decreto-n%C2%BA-52-785-de-10-de-novembro-de-2011/> (LEI DE SÃO PAULO)